



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS

MARIA GIVANEIDE DA SILVA PEREIRA

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA: uma visita aos conceitos e  
práticas docentes e discentes nas aulas de língua**

JACOBINA – BA  
2014

MARIA GIVANEIDE DA SILVA PEREIRA

**O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA: uma visita aos conceitos e práticas docentes e discentes nas aulas de língua**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas *Campus IV* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Professora orientadora: Ma.Tháís Nascimento Santana Santos

JACOBINA – BA

2014

## FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA GIVANEIDE DA SILVA PEREIRA

### **O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA: uma visita aos conceitos e práticas docentes e discentes nas aulas de língua**

Monografia apresentada à banca examinadora designada pelo curso de graduação em Letras Vernáculas, Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – *Campus IV*.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014

#### **Banca examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Thaís Nascimento Santana dos Santos  
UNEB/*Campus IV* (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Valéria Rios Oliveira Alves  
SEC/DIREC 16 (Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> Ma. Crizeide de Miranda Freire  
UNEB/*Campus IV* (Examinadora)

JACOBINA - BA

2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus,

Criador do universo, por ter me dado força e coragem para concluir o meu curso, pois mesmo diante de tantos obstáculos o desejo de vencer superou tudo.

À minha família,

Pelo apoio, incentivo e colaboração nas diversas tarefas para que eu pudesse estudar. Especialmente à minha filha, apesar de tão pequena, o meu muitíssimo obrigada pela paciência e compreensão, pelas inúmeras vezes que me ausentei do meu lar para estudar e acabei não dando a atenção devida a você e por reconhecer como é relevante para mim esta realização, me apoiando da melhor maneira possível e hoje é a principal responsável pelo sucesso da minha conquista que em todos os momentos me deu a esperança para seguir. Mãe, Maria Moreira dos Santos (em memória) que partiu no meio dessa correria, mas tenho certeza de que onde quer que esteja você está comigo me dando forças, segurança e a certeza que não estou sozinha.

Aos Professores,

Que durante esta caminhada contribuíram com meu aprendizado, ampliando os meus conhecimentos, prolongando as minhas experiências e transmitindo os seus saberes. Especialmente à minha orientadora a professora Thaís, por me orientar, me incentivar e fortalecer minhas ideias durante a realização deste estudo.

Aos amigos

Meu muito obrigada pelo apoio de todos que de alguma forma contribuíram para que esse momento acontecesse. Principalmente a minha amiga professora Isabel Sales (prof.<sup>a</sup> de 2<sup>a</sup> série) pela força e por ter acreditado em mim, e aos amigos Helton e Itana que sempre me ajudaram nos momentos das maiores dificuldades.

Dedico todo este esforço, a Deus, criador de todas as coisas e a minha família por apoiar o meu crescimento na vida e no mundo, participando ativamente das minhas lutas e conquistas, pelo constante incentivo para que eu pudesse alcançar os meus objetivos.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a utilização da gramática nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Tem como *corpus* da pesquisa cinco alunos do nono ano e duas professoras de Língua Portuguesa do Colégio Municipal José Vieira Irmão, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, no povoado de Cachoeira Grande, município de Jacobina, a uma distância de 330 quilômetros de Salvador, capital do Estado da Bahia. A metodologia adotada foi a pesquisa de campo de cunho qualitativo, foram utilizados para análise dos dados a realização de um questionário e a observação na sala de aula, com intuito de verificar se o trabalho com a gramática busca contemplar as novas teorias educacionais através da gramática contextualizada. Assim, abordamos como referencial teórico estudos de autores como: Travaglia (2009), Antunes (2007), e os PCN (1998) para fundamentar a análise dos dados. Tendo por base esta percepção constatamos que as professoras direcionam a sua prática pedagógica às novas correntes possibilitando ao aluno interagir por meio do uso da linguagem, de modo a desenvolver a sua competência comunicativa e reflexiva por meio de variados textos.

**Palavras-chave:** Gramática. Língua. Ensino.

## **ABSTRACT**

The present study aims to investigate the use of grammar in Portuguese Language classes in Secondary School. Have the research corpus five ninth graders and two teachers of Portuguese Language College Municipal José Vieira Brother, located in the Piedmont of Chapada Diamantina, in the town of Cachoeira Grande, municipality of Jacobina, a distance of 330 kilometers from Salvador, capital the State of Bahia. The methodology included field research with qualitative approach was used for data analysis to conduct a questionnaire and observation in the classroom, in order to verify if the work with grammar seeks to contemplate the new educational theories through grammar contextualized. Thus, we approach as a theoretical study of authors such as: Travaglia (2009), Antunes (2007), and NCP (1998) to support data analysis. Based on this perception found that teachers direct their practice to new currents allowing students to interact through the use of language in order to develop their communicative competence and reflective through various texts.

**Keywords:** Grammar. Language. Education

É preciso escrever o mais possível como se fala e não falar demais como se escreve.

*Saint-Beuve* (1804-1869), crítico francês.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: algumas reflexões</b> .....	14
1.1 O ENSINO DE LÍNGUA: um olhar reflexivo.....	14
1.2 OS EIXOS DO ENSINO DE LÍNGUA: uma retomada do que está proposto.....	16
<b>2. O ENSINO DE GRAMÁTICA: o que se propõe?</b> .....	22
2.1 GRAMÁTICA: alguns conceitos .....	26
2.2 PENSANDO SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA .....	29
<b>3. A GRAMÁTICA COMO EIXO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA</b> .....	39
3.1 A VISÃO DOCENTE SOBRE A PRÁTICA DO ENSINO DE GRAMÁTICA .....	41
3.2 A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA NA AULA DE LÍNGUA .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
<b>ANEXO A:</b> Questionário dos alunos .....	63
<b>ANEXO B:</b> Questionário das professoras .....	64

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca mostrar como os professores atuam com a análise gramatical no ensino de Língua Portuguesa nas escolas, uma vez que o componente curricular de Língua Portuguesa é uma unidade composta pelos eixos de leitura, escrita, gramática e oralidade. Nessa pesquisa, o objeto de estudo é o uso da gramática no ensino de Língua Portuguesa, sendo que esta fundamenta o trabalho de leitura, produção de uma diversidade de textos e oralidade como instrumento de comunicação, propiciando também a interação, argumentação e visão crítica da realidade.

É pela língua que são trabalhados os conceitos fundamentais de ensino, devidamente contextualizados, levando o aluno a refletir sobre o papel da gramática na organização de textos, dando ênfase à interpretação e produção dos mesmos, além de permitir a expressão, podendo criar condições para que ele assumira uma postura crítica e consciente em relação aos fatos da vida.

Acredita-se, que com a realização desta pesquisa podemos evidenciar a relevância que a gramática contextualizada tem no ensino de Língua Portuguesa. Este trabalho foi centrado no funcionamento da gramática no Ensino Fundamental II, do Colégio José Vieira Irmão, bem como a partir de critérios e princípios de fundamentação teórica. A temática em questão surgiu pela identificação da relevância de se trabalhar a gramática contextualizada que contribui de maneira significativa para ampliar a competência comunicativa do aluno.

Diante do exposto, esse estudo busca responder os seguintes questionamentos:

Como são planejadas as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, destinadas à gramática? Quais estratégias pedagógicas orientam as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental destinadas ao ensino da gramática?

Atualmente, discute-se muito sobre o ensino de gramática e especificamente sobre o tipo de gramática que o professor adota dentro de sua prática pedagógica e

a forma como se trabalha essa mesma gramática, tomando como elemento norteador os pressupostos da gramática contextualizada.

Gomes (2009) elucida que nas aulas de Língua Portuguesa ainda predominam atividades de classificação, de repetição, de certo, de errado, de modos e de análise sintática e morfológica que não levam os alunos a refletirem sobre as funções que as expressões linguísticas exercem na construção do sentido do texto.

Sabe-se que a gramática contextualizada é necessária, porque se trata de uma ferramenta relevante na produção de textos coerentes e coesos. Porém, o que se observa é que, durante os onze anos em que os alunos permanecem na educação básica, a gramática normativa é sempre repetida como conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, os alunos, ao concluírem o Ensino Médio, não demonstram habilidade ao aplicar a modalidade padrão nos textos que produzem. Assim, o ensino da gramática normativa não é suficiente para o bom desempenho do discente.

Não é necessário memorizar regras gramaticais para que se aprimore o desempenho linguístico. Aprender não é um exercício de juntar informações, mas uma prática de criação de sentido para um mundo que leve o aluno a refletir de modo consciente sobre a língua, prestando atenção aos efeitos de sentido que a gramática oferece nas situações de leitura e produção de textos. Portanto, acredita-se que a gramática contextualizada é uma das ferramentas mais relevantes no desenvolvimento da aprendizagem, pois, sem a mesma, é difícil o sucesso do aluno, precisando dessa forma ser trabalhada com mais afinco, principalmente nas séries iniciais, para que não venha comprometer o processo ensino/aprendizagem.

Para isso, é necessário que o professor atue em sala de aula e que se envolva com o processo de ensino/aprendizagem, pensando sobre ele, fazendo uso de estratégias que estão presentes no próprio modo de usar a língua que ensina, sendo elemento ativo, participante e construtor.

O interesse pela linguagem não é privilégio dos professores de Língua Portuguesa, mas, de todos, mesmo aqueles que não são profissionais em educação. A aquisição da língua materna acontece de forma natural e rápida. Qualquer ser humano aprende a falar de forma inconsciente, sem que seja necessário um ensino

sistemático, basta estar em contato com os dados de sua comunidade. Percebe-se através do conhecimento da criança, nos seus primeiros anos de vida, que ela consegue organizar suas ideias de forma coerente permitindo o uso da língua. Como afirma os PCN (1998) que a língua está presente em todas as áreas do conhecimento.

Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral investigar como vem sendo utilizada a gramática nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, levando em consideração as metodologias que norteiam tais aulas. Os específicos: Observar como tem sido proposto o ensino de gramática na produção textual dos alunos; Perceber qual a concepção de gramática aparece nos discursos docentes e discentes.

A pesquisa de campo foi realizada com cinco alunos e duas professoras formadas em Letras pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus IV*, do Ensino Fundamental II, do Colégio Municipal José Vieira Irmão, no povoado de Cachoeira Grande, Jacobina – Bahia, em agosto e setembro de 2013.

A coleta de dados foi realizada mediante a entrega de questionários para as professoras e para os alunos, bem como observações feitas em sala de aula. O questionário destinado às professoras foi composto de questões que versam sobre as metodologias utilizadas nas aulas de gramática, as concepções de língua/linguagem, gramática e análise linguística como ferramenta de construção analítica. Já os questionários destinados aos alunos foram compostos de questões que abordam a gramática e sua importância, bem como as principais dificuldades apresentadas para aprender os conteúdos gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa. Após a coleta dos materiais, foram realizadas as devidas análises, verificando se o trabalho com a gramática é feito de modo prescritivo ou contextualizado.

Assim, este trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro capítulo trataremos de descrever um breve histórico sobre Ensino de Língua Portuguesa, mostrando um olhar panorâmico sobre a gramática.

No segundo capítulo tem como propósito abordar o Ensino de Gramática, bem como as noções teóricas que sustentaram todo o trabalho, elencando os vários

conceitos e tipos de gramática apresentado por Travaglia (2009). Sendo assim, analisaremos e discutiremos sua função no processo de ensino/ aprendizagem.

No terceiro capítulo, traremos o resultado da pesquisa, que consiste no *corpus* e a metodologia aplicada, mostrando uma análise reflexiva sobre os dados coletados, bem como algumas informações relevantes referentes à prática docente.

Por fim, apresentaremos nossas considerações finais acerca das implicações pedagógicas sobre o ensino de gramática, com o intuito de colaborar na prática dos futuros e atuais docentes e pesquisadores do Ensino de Língua Portuguesa.

## **1. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: algumas reflexões**

Este capítulo tem como propósito apresentar a sustentação teórica acerca da temática pesquisada, enfatizando as propostas dos PCN (1997 e 1998), apresentando sua importância para a qualidade de ensino, haja vista que os mesmos discutem os processos de ensino e aprendizagem, de cada área e expõe questões metodológicas sobre o trabalho de proficiência das habilidades da língua materna, bem como da execução da prática pedagógica, orientando o docente a avaliar sua metodologia de ensino.

Além disso, explicitaremos outras reflexões que versam sobre o ensino de língua e de gramática para apoiarmos a análise dos dados retirados dos questionários e das observações em sala de aula.

### **1.1 O ENSINO DE LÍNGUA: um olhar reflexivo**

O Ensino de Língua Portuguesa vem sendo muito discutido nos ambientes educativos, pois, sabe-se que nas escolas ainda persistem as regras gramaticais, ou seja, são trabalhados apenas um conjunto de elementos gramaticais desenvolvidos isoladamente, fora do contexto que não contribuem para um aprendizado eficaz. É sabido que não é necessário eliminar, nem memorizar e nem repetir as regras gramaticais, mas utilizá-las de forma interativa e dinâmica para a construção do conhecimento.

Essa prática pedagógica supracitada está fundamentada na crença de que exercícios repetitivos e isolados, de muitos assuntos podem não ser suficientes para instrumentalizar o aluno para fazer uso desses conhecimentos no ato da produção textual. Um exemplo tradicional é a separação de sílabas. O exercício existe na escola com o objetivo de ensinar como separar a palavra quando a linha termina. A criança faz muitos exercícios do tipo “ma-car-rão”. Quando, na escrita de texto, não utilizamos as palavras dessa forma. Conseqüentemente, como aprendeu fora de contexto, muitas vezes ele erra a separação de sílaba no texto, ou prefere não separar para não errar, amontoando letras. Em muitos casos acontece que a criança

faz os exercícios, e até acerta-os, mas nem sempre consegue aplicar os conhecimentos em situações textuais. Porque, o sentido do texto surge da relação entre suas partes, uma palavra isolada não tem sentido, pois elas estão todas encadeadas, e esse encadeamento é que expressa o tema geral do texto. Mattos e Silva (2006, p. 33) explica que:

Os objetivos específicos dos programas de ensino não deixam mais nenhuma expectativa quanto às intenções das Diretrizes: existe, é legítima, respeite-se, não se estigmatize a variedade linguística da “nova clientela da escola brasileira...” [...] A oralidade de todos os grupos sociais que se iniciam na escola e a oralidade de grande parte que provém vivem basicamente na oralidade, fica ignorada. As Diretrizes, portanto, podem ser definidas, sem receio de errar, como propondo uma escola redutora e reprodutora da situação sociocultural que, sem convicção embora, critica no início de sua introdução.

Sendo assim, a leitura e a produção de textos são necessárias para a realização tanto de atividades linguísticas, que envolvam manifestações de um trabalho sobre a língua e suas propriedades, como de atividades metalinguísticas, que envolvam o trabalho de observação, descrição e categorização, por meio do qual se constroem explicações para os fenômenos linguísticos característicos das práticas discursivas. Os PCN (1998, p.28) confirmam:

Na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalinguística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino- aprendizagem.

Sendo assim, formar cidadãos capazes de produzir textos coerentes e eficazes é um dos principais objetivos do professor de Língua Portuguesa, mas para que isso aconteça é necessário que alguns pressupostos básicos norteiem as propostas de produção. Haja vista que, seja necessária muita leitura de diversos gêneros textuais.

Para que se tornem escritores, os alunos precisam ler de maneira contextualizada os textos que fazem parte do seu cotidiano e entrem em contato com os variados tipos de textos para que possam refletir sobre a nossa língua, pensar como ela funciona e entender como ela se organiza. Solé (1998, p. 44-45) explicita:

Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem,

também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. Esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não-arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender.

Diante disso, é relevante aprender claramente para que se obtenha metas, transmitir ideias e convencer pessoas, além disso, compreender significa também procurar a informação propícia e saber como filtrá-la. O desenvolvimento da compreensão facilita a interpretação dos conteúdos promovendo assim melhor aquisição do conhecimento.

É através do contato com vários textos e diversos recursos que circulam no meio social que permite o desenvolvimento da capacidade da língua por parte do aluno, possibilitando pensar no texto como objeto de conhecimento e verificar as características peculiares deste objeto. Ao mesmo tempo em que é esta a capacidade que lhe garante a identificação e diferenciação dos estudos da Língua Portuguesa, ou seja, não é preciso estudar gramática pela gramática, e sim, a leitura de uma diversidade de textos.

Em virtude disso, é relevante afirmar que toda interação comunicativa ocorre por meio de textos, que a finalidade do ensino de Língua Portuguesa pautado em desenvolver essas competências está em possibilitar que o falante produza e compreenda textos nas mais variadas situações comunicativas. Para tanto, o ensino pode, conforme Travaglia (2009), evidentemente propiciar o contato do aluno com a maior variedade possível de situações de interação comunicativa por meio de um trabalho de análise e produção de enunciados ligados aos vários tipos de situações de enunciação, de forma que já estariam inclusos neste ensino produtivo o desenvolvimento do domínio da norma culta e o da variante escrita da língua e, assim, entende-se que esse tipo de ensino propõe mais do que a dimensão normativa de ensino.

## 1.2 OS EIXOS DO ENSINO DE LÍNGUA: uma retomada do que está proposto



O Ensino de Língua Portuguesa pode ser oportunizado ao aluno como um meio que possibilite ao mesmo uma forma de expansão do uso da língua em seus variados contextos e intenções. Dessa maneira, os PCN (1998) apontam que o ensino pauta-se em quatro eixos básicos: oralidade, leitura, escrita e gramática, e são articulados entre si, fazendo com que os discentes compreendam que são partes interligadas a um todo com um objetivo que é desenvolver a habilidade comunicativa.

A oralidade e a escrita, são as formas de interação mais utilizadas pelas pessoas. É por meio do exercício do diálogo, do ouvir o outro, da conversa diária, da argumentação e da troca de opiniões que desenvolvemos a competência de nos expressar nas diferentes linguagens.

Por isso, a oralidade é considerada relevante no cotidiano da sala de aula, é através da mesma que os alunos têm uma postura participativa e crítica acerca dos assuntos abordados e explanados nos textos. Além disso, o trabalho com a oralidade é relevante para analisar o sentido da língua como mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de poder explícito do uso da língua na vida cotidiana, tendo ela, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais. Conforme explícita Anna Christina Bentes (2010, p.131)

Assim, um primeiro aspecto a ser observado sobre as produções discursivas orais, sejam elas à distância ou face a face, mais ou menos planejados, diz respeito ao fato de que, ao falarmos, ou seja, ao nos comunicarmos com alguém pelo meio sonoro, não apenas falamos, mas fornecemos ao outro um vasto conjunto de informações sobre as várias facetas de nossas identidades sociais e sobre a maior ou menor amplitude de nossa competência comunicativa.

Deste modo, percebe-se a relevância das atividades orais em todas as suas modalidades, de modo a possibilitar que os estudantes desenvolvam suas habilidades discursivas, ou melhor, suas competências para o uso consciente da linguagem nas mais variadas situações. Uma vez que para desempenhar esse uso consciente da língua é indispensável, atividades de natureza reflexiva, com a língua que parte da dimensão discursiva, o qual não reduz a análise da língua à sistematização da tradição gramatical.

O mesmo ocorre na linguagem escrita. É na prática que se desenvolve a competência de escrever de acordo com as diferentes finalidades. Escrever é

expressar ideias, conceitos, informações, sentimentos e sensações de maneira clara, coesa e coerente.

Sendo a escrita um processo dialógico, precisa estar na escola, já que a prática da escrita também possui uma realidade, uma prática social e suas utilizações nessa realidade. O estímulo da escrita tem sido objeto de preocupação constante na escola, uma vez que essa competência é fundamental no exercício profissional, já que é muito usada nas empresas através das correspondências comerciais para comunicação das pessoas dentro e fora das mesmas. Pensando na produção textual realizada em sala de aula, é interessante ressaltar que apenas num quadro efetivo de interação linguística é que o estudante pode tornar-se sujeito do que diz, ou seja, se o que diz faz sentido para seu interlocutor, numa situação específica de comunicação.

É sabido que nas aulas de Língua Portuguesa, ainda há um ensino descontextualizado, voltado apenas para a gramática normativa como se ela sozinha fosse capaz de garantir a ampliação comunicativa dos discentes. Há muitos questionamentos sobre a relevância dessas aulas que têm sido primordialmente prescritivas, repetindo para os alunos ano pós ano apenas conteúdos que seguem uma tradição que se arrasta há muito tempo. Sabendo, é claro, que existem muitos profissionais que ousam mudar, e conseguem mesmo com dificuldades dar aulas de Língua Materna que sirvam para desenvolver a competência comunicativa.

Enfim, é relevante a escola utilizar os princípios básicos de ensino para que os discentes possam aprender a ler e a produzir textos, sem dificuldade de entender o que o que leem, e, em virtude disso, escrever com eficiência, pois, o domínio da leitura e da escrita são preponderantes na vida dos estudantes. Oliveira (2010, p.37) afirma:

Enquanto os professores não adotarem a perspectiva pragmática de língua, o ensino de português se manterá, em muitos brasileiros, no nível das sentenças isoladas, descontextualizadas, sem que se levem em conta os usos que os brasileiros fazem da língua. E se levam em conta os usos linguísticos, que materializam em forma de textos, os fenômenos textuais acabam sendo negligenciados.

Sendo assim, um dos objetivos a serem atingidos pelo professor é despertar nos alunos o hábito pela leitura, pois, uma prática pedagógica considerada eficiente precisa desenvolver não somente a capacidade de ler, mas de atrair e despertar o

prazer de ler, e principalmente tê-lo como compromisso, fazendo com que o aluno veja a leitura como algo importante e essencial.

Levando em consideração que o educando aprende “a ler lendo” é preciso que haja práticas de leitura que possibilitem a aquisição da mesma de modo que se tenha a ideia de leitura não apenas como decodificação. Neste sentido, é relevante uma boa preparação de leitores, para que as variedades textuais sejam percebidas no cotidiano da sala de aula, onde a composição de leitores é formada sob a égide do professor, fazendo com que o discente perceba seu entorno político e social. Por isso, Navarro e Antônio (2009, p.24) diz que:

Entender e aceitar o texto como unidade e objeto de ensino de língua é entender e aceitar que os sujeitos constroem o processo de produção tendo por base outros discursos, outros textos, envolvendo um diálogo com outras pessoas, com o mundo e com suas experiências pessoais. É compreender que a língua não é um produto, mas um processo ininterrupto e vivo de interação.

Diante das considerações do autor ler, consiste na possibilidade de refletir e interpretar contribuindo de maneira eficiente para o desenvolvimento intelectual das pessoas. Ler é a ação de construir significados através da interação que se estabelece entre o leitor e o texto. Acredita-se que ler ultrapassa o processo de decodificar símbolo, ou seja, ler consiste na possibilidade de ascensão social.

De acordo com os PCN (1997, p. 53) “a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto”. Diante disso, a decodificação é apenas um procedimento que se utiliza, e a compreensão se faz antes mesmo de ler um texto. Conforme enfatiza Solé (1998. p.22)

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto. Neste processo tenta-se satisfazer/ obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam a leitura. Quando a autora considera a leitura como um processo de interação entre o leitor e o texto, se refere à ação do próprio leitor frente ao texto lido, podendo assim ter claro os objetivos que guiam sua leitura.

Nessa perspectiva, a ação de fazer com que o aluno desenvolva sua capacidade leitora, facilita o processo da escrita viabilizando a organização do pensamento, de expressá-lo com clareza, precisão e desenvoltura para transmitir receber e construir conhecimentos.

Deste modo, a diversidade de leitura contribui para a compreensão e desenvolvimento da língua através de sua relação com a sociedade, de como esta varia e muda de acordo com o texto e o contexto. Para tanto, é necessário que em sala de aula fique claro o porquê de estar lendo o texto e para quê, pois, muitas vezes os alunos leem sem saber ao menos a função da leitura e fazem apenas porque é preciso, ou seja, porque o professor pede ou exige que o faça. Portanto, cabe ao professor expor com clareza a funcionalidade desta, para que assim, o discente compreenda o objetivo da leitura. De acordo com os PCN (1998, p.36):

A seleção de textos para leitura ou escuta oferece modelos para o aluno construir representação cada vez mais sofisticada sobre o funcionamento da linguagem (modo de garantir a continuidade temática nos diferentes gêneros, operadores para estabelecer a progressão lógica), articulando-se à prática de produção de textos e à de análise linguística.

Diante do exposto, percebe-se que o domínio da leitura e da escrita são competências indispensáveis para aquisição do conhecimento, tendo em mente que estes são processos desenvolvidos ativamente, no qual o sentido da leitura é perceptível através da escrita coerente e coesa.

Para tanto, sabe-se que a escola pode seduzir seus alunos, para um mundo de muita leitura envolvendo diversos recursos da língua, nas práticas de uso da linguagem, isto é, nas atividades de leitura e compreensão de textos, de produção escrita, de produção e compreensão oral, em situações contextualizadas de uso. Portanto, os recursos da língua podem consistir sobre os textos e discursos, na medida em que se façam necessárias e significativas para a construção dos sentidos dos textos. Porque, percebe-se que o ensino de Língua Portuguesa, baseado exclusivamente na gramática normativa, tenta proporcionar ao aluno o conhecimento das regras da norma culta, língua padrão imposta pelo poder econômico, tem produzido poucos frutos, provocando, assim, uma dificuldade linguística que influi também no aprendizado das disciplinas que utilizam a língua para transmissão de conhecimentos, prejudicando todo o processo educacional. Por diversas vezes, observa-se que a falta de capacidade de expressão impede que os alunos encontrem a solução para várias questões, pois têm dificuldade de entenderem o enunciado da questão, não conseguem organizar o pensamento e dispõe de poucas palavras para a resposta.

Portanto, no capítulo que segue, dá-se ênfase ao ensino de gramática atentando para o ensino de Língua Portuguesa, voltado para mediação do conhecimento através da gramática contextualizada.

## 2. O ENSINO DE GRAMÁTICA: o que se propõe?

O Ensino de gramática proposto pelos PCN (1997 e 1998) está sintonizado com as novas tendências dos estudos linguísticos para o aprendizado da Língua Materna, sendo considerado como principal instrumento no processo de construção do conhecimento. Dutra (2003, p.29) enfatiza que:

A gramática de uma língua é o conhecimento que todo falante tem de sua língua materna. Não importa a faixa etária, a classe social, ou grau de instrução, todo falante adulto possui dentro de sua cabeça um conjunto de regras que adquiriu quando pequeno, no meio da comunidade onde viveu.

Dentro dessa perspectiva, a língua é vista como instrumento de interação e formadora de conhecimento sempre relacionada à situação comunicativa.

Os estudos gramaticais tiveram sua relevância histórica como propiciadores de uma reflexão filosófica acerca da linguagem ou acerca dos processos cognitivos que permitem ao ser humano fazer uso da linguagem. Em diferentes aspectos, a linguagem sempre exerceu sobre as pessoas certo deslumbramento e despertou-lhes bastante. Conforme Márcia Mendonça (2006, p.11):

O ensino de gramática constitui um dos mais fortes pilares das aulas de português, e chega a ser, em alguns casos, a preocupação quase exclusiva, entretanto, vem se afirmando um movimento de revisão crítica dessa prática, ou seja, vem se questionando a validade desse “modelo”, o que faz emergir proposta da análise linguística em vez das aulas de gramática.

Assim, a autora, supracitada, indica que o principal objetivo do ensino de gramática atualmente é a gramática contextualizada, para contribuir de forma produtiva no desenvolvimento da linguagem. Ou seja, o ensino de língua necessita ser propício ao aluno, para que ele tenha autonomia no uso da linguagem e não prendê-lo a regras impostas, que na maioria das vezes não dão certo.

Em virtude disso, toda orientação adotada para elaboração das tarefas que serão desenvolvidas em sala de aula tende a caracterizar por uma concepção de ensinar e aprender que considere o aluno um sujeito ativo, que constrói a sua competência no uso da língua juntamente com o professor, o qual exerce o papel de orientador mediador no seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, ele não se

restringe a um transmissor de conteúdos, ou seja, o legítimo portador do conhecimento.

Na escola, é relevante aproximar a escrita como ela ocorre em situação extraclasse. De outro modo, corre-se o risco do estudante ter a sua proficiência linguística prejudicada. O que acontece é que a escola às vezes não favorece a escrita e não oferece ao estudante os mecanismos de uma prática interativa da língua. Isso tudo pode estar ocasionado pelo fato do professor de Língua Portuguesa sentir grande dificuldade em relacionar os eixos do ensino de língua, não sabendo ele que todos podem circular em torno do texto.

Infelizmente, a sociedade prioriza o saber formal em detrimento do saber popular. Dessa forma, a escola é o veículo para possibilitar ao aluno o interesse pela linguagem valorizando a bagagem que o aluno traz consigo, possibilitando várias maneiras do uso da língua em suas variadas situações, pois, a língua falada no cotidiano, não é a que o aluno escreve. Assim, a escola tem valorizado a aquisição e o acúmulo de conhecimento como privilégio e perpetuação da classe dominante. Travaglia (2003, p.15) propõe:

A proposta de ensino de gramática que apresentamos e defendemos só faz sentido a partir do momento que se pressupõe que em nossas escolas queremos propiciar atividades de ensino/aprendizagem que propicie uma sociedade, com uma determinada forma de cultura, incluindo-se nesta tudo o que representa o modo de ser da sociedade, o modo de ver o mundo e de construir as relações entre os membros dessa sociedade.

Pois, desde muito pequena a criança vai empregando em sua fala a gramática da língua materna. Gradativamente, vai se aproximando das formas adequadas de diversos aspectos da língua. Ao entrar na escola, salvo exceções, ela é inundada com exercícios descontextualizados, sobre diferentes assuntos gramaticais, muito dos quais já utiliza espontaneamente de forma adequada. Antunes (2003, p.97) afirma que:

O estudo da gramática deve ser estimulante, desafiador, instigante, de maneira que desfaça essa ideia errônea de que estudar a língua é, inevitavelmente, uma tarefa desinteressante, penosa e, quase sempre adversa. Uma tarefa que se quer esquecer para sempre, logo que possível.

Diante do exposto, a escola precisa rever suas práticas para que, de fato, venha a contribuir para o aprendizado através da gramática contextualizada. Muitas vezes, a metodologia utilizada em sala de aula foge da realidade do aluno, uma vez que, fora da escola o mesmo não lê respondendo perguntas, nem tampouco decodifica palavra por palavra, e não há memorização e repetição. Perini (2000, p.77) elucida que:

A gramática, segundo o que nos ensinaram na escola, é composta de duas seções, cada qual mais repelente: na primeira seção aprendemos (ou, mais precisamente, não aprendemos) uma nomenclatura complicada e confusa, uma selva de sujeitos, adjuntos, advérbios, orações subordinadas reduzidas ou não, coordenações sindéticas e assindéticas, enfim, um palavrório que parece inventado de propósito para esconder a falta de conteúdo da disciplina; e na segunda seção somos submetidos a uma série de ordens e recomendações do tipo “nunca diga nem escreva isto, porque o certo é aquilo”. E, por cima de tudo, paira a ideia geral de que a gramática já está pronta: obra de cérebros há muito extintos, não muda. Como falar em “pesquisa” nessa área.

Porém, o tempo de pedir a classificação das frases e palavras soltas e descontextualizadas ficou no passado. Em contrapartida, é necessário que o docente aprenda que a gramática pode ser trabalhada durante a leitura e o estudo de diversos gêneros, de forma contextualizada para despertar o aprendizado do aluno. Sendo que a leitura possibilita uma organização do conhecimento prévio com outros conhecimentos e tornam-se mais complexos, permitindo relações com novos conceitos que favoreçam a mudança e a aprendizagem. De acordo com Brito (1997, p. 27):

De fato, a primeira coisa que vem à cabeça quando se fala em saber português, particularmente em ambiente escolar, é a ideia do domínio de um conjunto de regras categóricas e explícitas que determinam como é que se deve falar e escrever. Daí porque a frase eu não sei português só faz sentido, quando dita por um falante nativo de português, tomando-se por referência a gramática da escola.

Por isso, é importante analisar se o docente utiliza a língua uniformemente, sem apresentar variações, pois, especialmente a gramática não engloba essas definições. Em consonância com o explicitado, Bagno (1999, p.10) elucida que:

Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo que nunca se detém em seu curso, a gramática é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em



movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia.

Diante das considerações de Bagno (1999), é relevante justificar a distinção entre a gramática e a língua. Não se pretende tirar a importância da gramática, mas, sobretudo, verificar se ela é mais valorizada dentro do espaço escolar do que a língua. É preciso analisar que a língua evolui, surgem neologismos, estrangeirismos, o que permite aparecerem muitas variantes. A língua, em suas variedades, descreve os fatos sem avaliação do que é “certo ou errado”, sendo que, qualquer que seja a variedade utilizada para comunicação entre as pessoas, é legítima. Possenti (1996, p. 83) afirma:

Por mais distante que a linguagem do aluno esteja da variedade padrão, ela é extremamente complexa, articulada, longe de ser um falar rudimentar e pobre (que o digam os linguistas que se dedicaram à tarefa de descrever variedades regionais e sociais, ou mesmo a linguagem infantil). Se a escola desconsiderar essa riqueza linguística que a criança traz – seu capital linguístico – estará pela base, desperdiçando este material extremamente relevante.

A valorização da diversidade pode ser trabalhada e adequadamente valorizada e o objetivo final a atingir-se será tornar o estudante pluridialeto no seu dialeto familiar, no dialeto de seu grupo social, consciente da variação possível em outros grupos sociais, e senhor também das normas do dialeto socialmente privilegiado.

É importante ressaltar que um trabalho de linguagem não pretende formar gramáticos, mas sim usuários da comunicação escrita, falada e visual, gente com capacidade sócio comunicativa bem desenvolvida. Isso não significa que o ensino de regras gramaticais deva ser abolido, uma vez que, ela faz parte do aspecto lógico/ cognitivo. Mas fazer uma enorme quantidade de exercícios também não são produtivos, pois o aluno só constrói tais conhecimentos e os aplica quando compreende e valoriza seu uso.

## 2.1 GRAMÁTICA: alguns conceitos

É sabido que a gramática no contexto escolar tem provocado muitas discussões e questionamentos entre os estudiosos e pesquisadores. Uma das dúvidas mais frequentes entre os docentes é, “ensiná-la ou não, ou ainda para que ensiná-la, como ensiná-la” e que tipo de gramática ensinar.

Ao desenvolver o ensino de língua materna e trabalhar especificamente com o ensino de gramática, é conveniente ter sempre em mente que há vários tipos de gramática e que o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos (atividades) completamente distintos em sala de aula para o atendimento de objetivos bem diversos. (TRAVAGLIA 2009, p.30)

Partindo deste princípio, o ensino de gramática implica mudanças profundas na seleção de conteúdo e também na maneira como se pretende conduzir o ensino gramatical. Não tendo como objetivo o estudo da teoria gramatical, mas sim, sobre a língua em situações de uso, ou seja, que o estudo sistematizado da gramática, seja ligado ao funcionamento efetivo da língua, podendo levar o aluno a tomar consciência de suas habilidades na linguagem.

De acordo com Travaglia (2009, p. 30-37) a gramática apresenta vários sentidos:

- A GRAMÁTICA NORMATIVA é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial;
- A GRAMÁTICA DESCRITIVA é a que descreve e registra uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência... Portanto, a gramática descritiva trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade;
- A GRAMÁTICA INTERNALIZADA ou competência linguística internalizada do falante é o próprio “mecanismo”, o conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua;
- A GRAMÁTICA IMPLÍCITA é a competência internalizada do falante. Esse tipo de gramática possibilita o uso automático da língua, está diretamente

relacionada com o que se chama no ensino de gramática, no trabalho escolar com a gramática em uso;

- A GRAMÁTICA EXPLÍCITA ou teórica é representada por todos os estudos linguísticos que buscam, por meio de uma atividade metalinguística sobre a língua, explicitar sua estrutura, constituição e funcionamento;
- A GRAMÁTICA REFLEXIVA é a gramática em explicitação. Representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua que busca detectar, levantar suas unidades, regras e princípios, ou seja, a constituição e funcionamento da língua;
- GRAMÁTICA CONTRASTIVA ou transferencial é a que descreve duas línguas ao mesmo tempo, mostrando como os padrões de uma podem ser separados da outra;
- GRAMÁTICA GERAL é a que compara o maior número possível de línguas, com o fim de reconhecer todos os fatos linguísticos realizáveis e as condições em que se realizarão;
- GRAMÁTICA UNIVERSAL é uma gramática de base comparativa que procura descrever e classificar todos os fatos observados e realizados universalmente;
- GRAMÁTICA HISTÓRICA é a que estuda uma sequência de fases evolutivas de um idioma. “É a que estuda a origem e a evolução de uma língua, acompanhando-lhe as fases desde o seu aparecimento até o momento atual” (BECHARA *apud* TRAVAGLIA, 2009, p. 37).
- GRAMÁTICA COMPARADA é a que estuda uma sequência de fases evolutivas de várias línguas, normalmente buscando encontrar pontos comuns.

Tendo em vista as definições e tipos de gramática expostas, vale considerar o que Travaglia (2009) recomenda para a sala de aula, que é o trabalho com atividades de gramática em uso. As gramáticas internalizada e normativa seriam usadas para o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos.

Travaglia (2009) propõe que a gramática seja vista como um estudo das normas sociais de uso nas diferentes situações. Pois a sociedade estabelece uma

espécie de etiqueta social para uso da língua e certas formas são mais ou menos valorizadas. Por essa razão tais formas devem ou não ser empregadas em determinadas situações.

Nas palavras de Travaglia (2009) entende-se que gramática contextualizada está naturalmente incluída na interação verbal, uma vez que ela é uma condição indispensável para a produção e interpretação de textos coerentes e adequados socialmente.

Portanto, compreende-se que o trabalho com a gramática não precisa ser realizado a partir de atividades tradicionais, mas com tarefas em que o aluno perceba o que seja um bom texto, como é organizado, quais são os elementos que conectam palavras, frases, parágrafos, retomando e aperfeiçoando suas ideias. Além disso, o aluno refletirá e analisará a adequação do discurso considerando o contexto de produção e os efeitos de sentidos provocados pelos recursos utilizados no texto.

Enfim, é relevante o professor se conscientizar que o ensino gramatical precisa estar aberto à gramática contextualizada, sendo de sua responsabilidade apresentar aos alunos os diferentes contextos do seu funcionamento, de forma que o discente saiba aplicar e refletir na situação e no momento adequado.

Para tanto, o ensino de gramática pode partir do desenvolvimento da capacidade de compreensão e expressão dos alunos tanto de textos orais como escritos. Para isso, torna-se, preferencialmente, o próprio texto do estudante como objeto de ensino: os conhecimentos gramaticais serão aprofundados no eixo da reflexão sobre o uso e aspectos da língua. Antunes (2003, p. 94) explicita:

O conhecimento que o falante tem das regras que especificam o uso de sua língua é um conhecimento intuitivo, implícito, ou seja, não requer, em princípio, que se saiba explicitá-lo ou expressá-lo. No entanto, esse saber implícito acerca do uso da língua pode ser enriquecido e ampliado com o conhecimento explícito dessas mesmas regras. Esse é o objetivo das descrições de como as regras da gramática se aplicam aos diversos contextos de uso da língua.

Visto dessa forma, o trabalho com a gramática deixa de se basear em classificações descontextualizadas, volta-se para a exploração de recursos da língua colocados à disposição dos sujeitos para a construção dos sentidos, seja em

atividades de compreensão ou de produção textual. Jaqueline Peixoto Barbosa (2010, p.156) afirma que:

O ensino de gramática sempre foi, de alguma forma, associado ao ler e ao escrever bem, porém foi se transformando (ou não) ao longo do tempo. Ensinar gramática para alguns mais radicais, pode ser quase dispensável e para os construtivistas reverte-se para o uso da linguagem, compreensão e produção de textos, numa perspectiva diferente do que seja ler e escrever bem, a norma culta passa a ser uma das variedades a serem ensinadas e não a única a ser considerada.

Sendo assim, pode-se afirmar que a concepção primordial que a autora traz para esse ensino é aquela que pode privilegiar a gramática contextualizada através da sua dimensão discursiva e interacional da linguagem em que os seus conteúdos se articulem com o uso dos textos orais e escritos. Para que esse ensino ocorra de forma expressiva é preciso que o professor construa um saber teórico e saiba relacioná-lo com a sua prática em sala de aula.

## 2.2 PENSANDO SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA

O trabalho na sala de aula não pode se limitar ao nível das regras, o que não significa que às vezes, não se deva trabalhar com elas. Deve ser considerado o domínio do texto, ou seja, o contexto em que se dá, ou se faz, possibilitando ao aluno várias maneiras de uso da língua, em suas diversas vertentes. De acordo com Travaglia (2009, p. 104):

Ensina-se gramática para que os alunos usem a língua com eficiência, a partir do entendimento e da organização da mesma, pressupõe-se que adquirindo conhecimentos a respeito da língua e normas a respeito do seu uso o aluno aprenda usar a língua. Acredita-se, pois, que o aluno é capaz de fazer automaticamente a transferência de conhecimentos para comportamentos como escrever, falar, ler, seguir ouvir.

Por outro lado, surgem novas ideias para que o ensino gramatical seja repensado e transformado. Para que esse ensino se dê de forma propícia, é necessário expor a importância de conhecer as diversas possibilidades de uso da língua, em suas variadas vertentes. Nesse sentido, novos estudos vêm sendo feitos

no intuito de rever a prática do ensino de gramática na escola. Haja vista, uma das formas consideradas como ruptura do ensino da mesma é a perspectiva da gramática contextualizada, partindo do seu estudo através de muita leitura, com diversos gêneros textuais e vários recursos da língua. Conforme afirmam Navarro e Antônio (2009, p.117):

Essa nova etapa no desenvolvimento da Linguística de Texto decorre de uma nova concepção de língua (não mais um sistema virtual autônomo, um conjunto de possibilidades, mas um sistema real, uso em determinados contextos comunicativos) e um novo conceito de texto (não mais encarado como um produto pronto e acabado, mas um processo, uma unidade em construção). Com isso, fixou-se como objetivo a ser alcançado a análise e explicação da unidade texto em funcionamento e não a apreensão das regras subjacentes a um sistema formal abstrato.

Em virtude disso, cabe então ressaltar que é necessário a sequência natural de aquisição, de conhecimento do aluno, uma vez que não adianta ensinar algo muito complexo ao aluno que ainda não está suficientemente “maduro” para entender, isto é, é necessário acompanhar os alunos dentro de suas possibilidades de aprendizado. Bechara (1997, p.17) acredita que:

O ensino da gramática normativa resulta da possibilidade de que dispõe o falante de optar, no exercício da linguagem, pela língua funcional que mais lhe convém expressar. Resulta, portanto, da “liberdade” de escolha que oferece uma língua histórica considerada em sua plenitude.

Vale salientar que o autor defende uma gramática escolar que leve o aluno a refletir sobre o uso da língua, ou seja, que ele tenha capacidade de produzir e compreender textos eficientemente. Nessa direção, os livros didáticos também estão colaborando com uma roupagem diferente, pois a gramática passou a ser contextualizada. Soares (2002) diz que: “foge do eixo definição teórica classificação repetição mecânica”. Portanto, os alunos são levados a interpretar as funções exercidas pelos elementos do texto, e os exercícios são pautados pela gramática em uso. Sendo que o caminho indicado para capacitar o aluno na produção de textos e também o conhecimento da norma padrão é o frequente uso da leitura, uma vez que através da mesma o aluno consegue compreender de forma eficiente o que é útil para sua vida escolar. Terra (1997, p.57) afirma que:

Todo falante possui uma gramática que interioriza desde tenra idade, a partir de suas próprias experiências linguísticas. Da observação das regularidades existentes da língua, o falante vai construindo sua

própria gramática. O conhecimento da gramática, é, portanto, independente da escolarização.

Daí a relevância da escola tomar a gramática contextualizada como efetivo objeto de ensino, constituindo-o como um dos eixos organizadores do ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa. O desenvolvimento de estratégias e de capacidades da linguagem diz respeito à compreensão crítica de um texto, envolvendo diversos recursos. Oliveira (2010, p. 49) confirma:

Não dá para colocar a gramática normativa como a razão de ser das aulas de português. É necessário sensibilizar e conscientizar os alunos acerca das possibilidades que a língua lhes oferece diante de situações contextuais diversas e que, em algumas dessas situações, determinadas formas propostas pela gramática normativa são apropriadas.

A propriedade que a linguagem tem é o que torna possível à análise da língua e o que a define como uma metalinguagem. Infelizmente, na maioria das vezes a escola não explora os conhecimentos que os alunos já têm para desenvolver suas capacidades de comunicação. Em virtude disso, é relevante que o ensino de gramática se preocupe com as leis naturais da língua, ou seja, com finalidade comunicativa e reflexiva. De acordo com Neves (2011 p.19); “O falante de uma língua natural é competente para ativar esquemas cognitivos, produzir enunciados, de sua língua, independentemente de qualquer estudo prévio de regras de gramática”. Em relação a esse aspecto, pode-se afirmar que a escola não pode insistir em um ensino voltado apenas em análises gramaticais, sem procurar refletir a variedade da língua, pois, estará sendo inútil para o desenvolvimento e os propósitos do ensino de língua aqui já mencionados. Brito (1997, p. 22-23) afirma:

O conhecimento se constrói em função das interações sócio-históricas, um aspecto relativo à questão levantada: aquele que diz respeito às representações de língua, de norma e de reflexão linguística que informam a prática escolar.

Para que a aula de Língua Portuguesa, no que se refere à gramática, ocorra adequadamente, é necessária a constante troca de informações, que os conhecimentos sejam construídos e os alunos sintam prazer em participar das aulas, sem se sentirem obrigados a decorar regras e definições. O professor torna-se mediador do conhecimento do aluno, reduzindo a distância entre o discente e o ensino gramatical, tornando as aulas prazerosas e atrativas, não somente

obrigatória, através da forma interativa, acreditando que o aluno é sempre capaz de aprender e compreender a gramática. Travaglia (2003, p. 62) confirma:

Uma das formas de sistematizar o ensino de gramática é fazer um levantamento dos tipos de recurso que seria interessante estudar e fazer um ordenamento dos mesmos para sua abordagem progressiva em uma série ou nas séries diversas da pré-escola, do ensino fundamental e do ensino médio ou mesmo da Universidade. Para cada recurso se faz um levantamento dos diferentes aspectos a serem tratados. Esta forma de entrada, tradicionalmente, tem sido a mais usada pelos professores e pelas sugestões de programas dos diversos órgãos ligados ao ensino público municipal, estadual e federal e / ou no ensino particular. Infelizmente, por um reducionismo na visão de que seja a gramática de uma língua, muitos elementos interessantes têm sido mantidos sistematicamente de fora destes "programas". Isto representa um avanço porque, para nós, a entrada pelo tipo de instrução de sentido é um passo para a consolidação da perspectiva de que um recurso linguístico nada mais é do que uma instrução de sentido usada na constituição de um texto para conseguir determinado efeito de sentido usado na interação comunicativa.

Enfim, o ensino da gramática contextualizada sendo priorizado desde as séries iniciais favorece de forma significativa o aprendizado do aluno, pois, do seu sucesso depende toda vida escolar do aluno, já que essas atividades estarão presentes ao longo desse período, e certamente em outros contextos de sua experiência de vida, pessoal e profissional, além das habilidades de comunicação oral da língua padrão. Terra (1997, p.80) explica:

Conhecer uma língua é um processo dinâmico que vai além da compreensão. Conhecer uma língua é saber tirar dela todas as possibilidades para uma comunicação ampla em qualquer situação. É ter consciência de que ela é um fato social (não existe sociedade sem língua), que ela existe independentemente de nós. Conhecer uma língua é poder tomar contato com o pensamento dos outros, adquirindo cultura.

Portanto, o grande desafio do professor de Língua Portuguesa é ensinar e valorizar a língua utilizada pelos alunos. Pois, o mesmo chega à escola com uma gramática adquirida e com um vocabulário adequado para expressar suas necessidades. Ou seja, "ao entrar na escola, ele já traz consigo experiências adquiridas no seu cotidiano, e já utiliza o modo de falar de sua comunidade". Por isso, cabe ao professor a responsabilidade de respeitar a aquisição da língua, mostrando aos discentes a importância de conhecer as diversas possibilidades de uso, em suas mais variadas vertentes. Conforme Antunes (2003, p. 21).



As línguas existem para serem faladas e escritas, as gramáticas existem para regular os usos adequados e funcionais da fala e da escrita das línguas. Assim, nenhuma regra gramatical tem importância por si mesma. Nenhuma regra gramatical tem garantida sua validade incondicional. O valor de qualquer regra gramatical deriva de sua aplicabilidade, da sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal.

Pois, mesmo diante de tantos avanços, é pertinente perceber que o ensino gramatical continua assumindo uma posição privilegiada. Sendo que esse procedimento de ensino centrado apenas na transmissão de nomenclaturas e teorias gramaticais não traz nenhuma significação na vida dos alunos, uma vez que não leva o aluno a refletir sobre o uso da língua e não contribui para o aprimoramento comunicativo. De acordo com os PCN (1997, p. 90):

A propriedade que a linguagem tem de poder referir-se a si mesma é o que o torna possível a análise da língua e o que define um vocabulário próprio, uma metalinguagem. Em relação a essa terminologia característica, é preciso considerar que, embora seja peculiar a situação de análise linguística (em que inevitavelmente se fala sobre língua), não se deve sobrecarregar os alunos com um palavreado sem função, justificado exclusivamente pela tradição de ensiná-lo. O critério do que deve ser ou não ensinado é muito simples: apenas os termos que tenham utilidade para abordar os conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua excluindo-se tudo que for necessário e costuma apenas confundir os alunos.

Em virtude disso, é relevante que o professor de Língua Portuguesa tenha conhecimento das teorias contemporâneas, ou seja, utilize a gramática contextualizada para que a aquisição de novos conceitos dê subsídio para o aprimoramento de sua prática pedagógica.

Por outro lado, o professor de Língua Portuguesa que ainda utiliza a gramática normativa como a razão de ser de suas aulas, precisa refletir sua prática em sala de aula. Diante disso, Aldo Bizzocchi (2010, p. 54) editor da revista Língua Portuguesa afirma: “A língua é um exemplo daquilo que a ciência moderna chama de sistema complexo”. Pois, a expressão verbal do falante pelo pensamento é considerada sem sofrer interferência da situação social, porque a enunciação é vista como resultado apenas de regras seguidas pelo próprio pensamento do falante. Brito (1997, p.27) diz:

Propostas mais atuais do ensino de língua tem posto em questão, com diferentes ênfases, a necessidade de se ensinar gramática e insistido na ideia de que não se pode confundir o estudo da linguagem com a gramática. Dada a força da tradição, contudo, a gramática, ainda que de forma imprecisa, continua sendo o objeto privilegiado do ensino de língua. Assim, para pensar esta questão é interessante estabelecer mais objetivamente as representações que se fazem de gramática e buscar, eventualmente, uma percepção mais aguda do problema.

Levando em consideração o que foi citado é relevante que o professor de Língua Portuguesa tenha conhecimento acerca dos avanços da língua, para que se conscientize das mudanças ocorridas no ensino da mesma ao longo do tempo, e, além disso, perceba que antes a língua era vista isolada e analisada estruturalmente, procurava-se ensinar para o aluno dessa forma sem obter grandes resultados na aprendizagem. Atualmente, é necessário que o aluno tenha visão contextualizada da linguagem para aprender a usá-la de forma propícia em cada situação comunicativa.

O ensino de gramática, entretanto, está falido. As teorias linguísticas modernas avançam, sem dúvidas, e a tradição gramatical, como base para o ensino de gramática, senão renegada, está relegada, mas não se criou ainda um aparelho pedagógico adequado, fundamentado e conseqüente, a partir dos princípios e métodos das linguísticas contemporâneas. (MATTOS E SILVA, 2006, p.87)

Diante disso, convém ressaltar a importância da gramática contextualizada, apesar de ser um bom começo, pode não ser a solução do problema, pois, como explica Oliveira (2010, p.35), “aprender apenas a estrutura gramatical não é condição suficiente para uma pessoa ser capaz de usar a língua”. Sendo assim, é relevante que o professor de Língua Portuguesa esteja sempre atualizado, para que de modo satisfatório possa acompanhar as mudanças e as novas propostas de ensino. De forma a descobrir um modelo teórico metodológico que considere a língua em uso e que procure determinar a função dos elementos necessários na comunicação, pois:

Todo falante de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, na concepção científica da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade naturalidade as regras básicas de funcionamento dela. (BAGNO, 1999 p. 51)

Portanto, não existe uma regra pronta para formar um bom profissional do ensino, mas, certamente é preciso que ele tenha conhecimento da teoria gramatical para saber refletir sobre a prática, pois, a mudança sempre começa pela reflexão da

própria prática. Contudo, para que realmente ocorram mudanças no ensino de gramática nas escolas, é preciso considerar a questão das concepções que norteiam o ensino e as práticas de ensino. Brito (1997, p. 22) diz:

Enfim, se assumimos que a função na sociedade moderna não deve ser a de formação de técnicos para atividades específicas, mas sim a de formar sujeitos para o mundo, estamos obrigados, ao apresentar uma proposta de ensino de língua materna, a abandonar o ideal enciclopédico que subjaz à fragmentação de disciplinas e à seriação escolar, bem como ao caráter essencialmente conteudístico que informa a escola de hoje.

Diante do exposto, os professores de Língua Portuguesa, atualizados e crentes com essas novas propostas, trabalham com a gramática contextualizada, levando em consideração a linguagem do aluno, deixando de lado os paradigmas e classificações que pouco colaboram para que o aluno se torne um usuário competente da língua, ou seja, um usuário capaz de produzir e compreender textos eficientes.

Finalmente, é importante mostrar que, mesmo dentro de uma variedade da língua, esta quase sempre, nos possibilita a escolha entre recursos alternativos e que é preciso estar consciente das instruções de sentido que cada alternativa é capaz de veicular para fazer uma escolha que permita construir/constituir o texto mais adequado para a consecução de nossos objetivos dentro da situação de comunicação em que estamos envolvidos. (TRAVAGLIA 2003, p.30)

O ensino de Língua Portuguesa se dá à medida que professor e aluno se percebam sujeitos de um processo, em constante construção, do qual resulta uma experiência significativa para ambos: sendo que o docente tem a possibilidade de descobrir e entender a lógica das falhas cometidas pelo discente e, assim, saber exatamente em que ponto e porque deve corrigi-lo enquanto ao professor é dada a chance de pensar crítica cientificamente a língua falada e aplicar o que aprendeu para melhor compreender as demais áreas de conhecimento. Haja vista, que a língua é mais que um instrumento de interação social, tendo em vista que é através dela que se conhece a relação de interação entre as pessoas.

Se a escola é um instrumento para a socialização do indivíduo e a escrita e a leitura são fundamentais no desenvolvimento das formas de comunicação nesse processo de socialização, no que concerne ao enriquecimento do conhecimento que se pode chamar de natural da língua materna, alguma “gramática” deverá ser ensinada, a partir do momento em que se considerar necessário regular a fala e a

escrita do aluno aos padrões de uso que a instituição-escola define como o ideal para aqueles que a ela estão submetidos. Romper com este tipo de ensino que prestigia certas normas de uso em detrimento de outras – ideal teórico da linguística e meta da pedagogia que entende a escola não como um lugar de reprodução social, mas de transformação. (MATTOS E SILVA, 2006. p. 81)

O professor de Língua Portuguesa precisa atentar para a importância de uma boa formação, bem como a formação continuada com o propósito de não apenas conhecer as novas correntes da língua, mas também, saber aplicá-las em sala de aula, no intuito de realizar um trabalho produtivo e prazeroso. Proporcionando-lhe subsídios para que seja capaz de lidar com uma prática de ensino de língua que prioriza a própria língua em funcionamento. Antunes (2003, p.170) ressalta que:

O professor de português precisa conquistar sua autonomia didática, assumir-se como especialista da área, comprometer-se com a causa da educação linguística de seus alunos. Não pode ficar repito, à deriva, ao sabor das opiniões de todo mundo, como se não tivesse condições de estabelecer seus rumos.

Vale ressaltar que, ainda existe professor de Língua Portuguesa que não sabe para que ensinar português e continua com aulas voltadas para a memorização e repetição, mesmo sabendo que este processo não flui, ou seja, não adianta nada, pois, os alunos continuam com muita dificuldade para escrever e compreender.

Mas um compêndio de gramática também pode focalizar a língua como sistema em potencial, descontextualizado, como pode focalizar a língua nos seus usos reais, testemunhados pelas situações da interação social. Pode ainda ressaltar os aspectos da flexibilidade, de heterogeneidade da língua, como pode enfatizar a rigidez de algumas de suas regras ou formas. Pode concentrar-se no escrito como pode concentrar-se no oral ou em ambas as modalidades. De maneira geral, aqui no Brasil, as gramáticas do português têm concedido uma ênfase especial à modalidade escrita da língua, sobretudo da escrita literária e, mais ultimamente, da escrita usada na imprensa. (ANTUNES, 2007, p. 33)

Nesse sentido, a gramática pode ser estudada dentro de um contexto, atentando que o texto não deve servir como pretexto para prática de análise linguística, pois, muitos professores, quando afirmam trabalhar com a gramática contextualizada, muitas vezes, mascaram uma determinada prática transformando em pretexto para manter a prática do ensino tradicional, ou seja, continuam a trabalhar com classificações e nomenclaturas, com palavras ou frases isoladas,

apenas retiradas do texto, consideradas, portanto, fora de seu contexto de realização, exercitando sobre elas a metalinguagem.

A linguagem permeia o conhecimento e a forma de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir, ela é a roda inventada, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção. (PCN, 1998, p. 05)

É importante salientar que a razão de ser de qualquer ato de linguagem é a produção de sentidos. Ensinar língua materna necessita de tal produção para que possa valer-se desse importante instrumento de acesso ao conhecimento. Assim, a língua continua sendo o mais importante e valioso recurso sociocultural de que o homem deve apropriar-se para sua inserção no mundo.

De acordo com Neves (2011) “Todos aqueles que dão aula de português têm uma ideia clara sobre como tem sido o ensino de gramática nas escolas”. Que são fundamentadas duas questões “para que se ensina e o que se ensina e a utilidade do que é ensinado”. Para tanto é necessário que a gramática seja contextualizada para que o aluno tenha um aprendizado eficaz. Segundo Travaglia (2009, p.101) “O ensino de gramática nas escolas tem sido essencialmente prescritivo, apegando-se a regras da gramática normativa”. A maior parte do tempo das aulas de Língua Portuguesa é gasto nestas regras, pois, ano após ano, insiste-se na repetição dos mesmos tópicos gramaticais Neves (2011, p.17) afirma que:

É relativamente grande o número de estudos que se vêm preocupando com a natureza do ensino de Língua Portuguesa que as escolas oferecem. Um dos pontos especialmente em foco é o tratamento da gramática, e o tom das avaliações daquilo que se tem proposto e se tem conseguido é geralmente de críticas e desolação.

Percebe-se que o professor de Língua Portuguesa sendo repetidor da gramática, que na maioria das vezes nem mesmo consegue dominá-la, torna a aula monótona e sem rendimento. Em suma, cabe ao professor de Língua Portuguesa não utilizar a repetição do que é certo e do que é errado, ou seja, não priorizar conceitos e regras. E sim, é de fundamental importância que seja trabalhado no cotidiano do aluno atividades como ler, escrever, argumentar e descobrir fatos interessantes a partir da interação dos alunos em sala de aula, principalmente através de recursos tecnológicos para tornar a aula atrativa e os alunos possam participar com entusiasmo. De acordo com Antunes (2003, p.30) “Na verdade, a

compreensão deturpada que se tem da gramática e de seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a leitura e a escrita de textos adequados e relevantes”.

Assim, a gramática não pode ser colocada como prioridade, mas sim, estudá-la e entendê-la, visto que a mesma é um instrumento de aquisição de conhecimento de uma linguagem reflexiva e intercomunicativa na língua falada e escrita.

Em suma, é importante salientar que os PCN (1997 e 1998) apresentam propostas acerca da importância de não apenas priorizar as regras gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa, mas também conceder espaço para literatura, produção e interpretação de texto através da gramática contextualizada, propiciando o desenvolvimento interpretativo dos alunos.

A análise a seguir é fruto de uma pesquisa de campo na qual foram feitas observações e aplicação de questionário a cinco alunos e duas professoras de Língua Portuguesa, do nono ano do Colégio José Vieira Irmão, na localidade de Cachoeira Grande, Jacobina, Bahia.

### 3. A GRAMÁTICA COMO EIXO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo é alocado à análise dos dados e está dividido em duas seções: a primeira dedicada à observação das aulas de Língua Portuguesa, especificamente, ao que se refere ao ensino de gramática, a segunda reservada à aplicação de questionários para duas professoras e cinco alunos, como forma de analisar a concretização das concepções evidenciadas, as quais possibilitarão verificar em que medida essas práticas se aproximam ou não da gramática contextualizada, em conformidade com a reflexão sobre a língua, em contrapartida à efetivação da tradição gramatical. Nessas seções, as professoras colaboradoras da pesquisa, ou seja, cooperaram para que os dados fossem gerados, são identificadas com A e B, bem como os alunos são identificados como A, B, C, D e E.

Diante disso, é importante pesquisar e conhecer como acontece o ensino de gramática e suas relações dentro e fora da sala de aula, visto que a relação gramática - língua vem sendo buscada desde o passado, mas, por vários momentos as nomenclaturas gramaticais tiveram supremacia sobre a linguagem. Para Gomes (2009, p.153)

O ser humano é capaz de refletir sobre a linguagem e analisá-la, e a linguagem é o próprio instrumento para essa reflexão. Sendo assim, atividades de reflexão e análise sobre a língua, em seus diversos aspectos e em seus variados níveis, são um recurso didático de muito valor para o ensino e aprendizagem da língua padrão.

A autora nos atenta que o ensino da gramática se tornará uma prática muito menos mecânica e mais contextualizada se seu estudo for aplicado dentro de textos. Com esse tirocínio os alunos poderão aprender as estruturas da língua por meio da reflexão do seu uso.

A coleta de dados foi realizada no Colégio José Vieira Irmão, localizado no povoado de Cachoeira Grande, município de Jacobina – BA. A escolha da escola se deve ao fato de já ter sido aluna, bem como participado do quadro de funcionários dessa instituição, estabelecendo, portanto um vínculo, facilitando a interação entre os professores e os alunos. A referida escola possui salas amplas e carteiras suficientes para todos os alunos, laboratório de informática, biblioteca, refeitório, auditório, quadra poliesportiva e recursos tecnológicos a disposição para serem

utilizados em sala de aula. Atende alunos do ensino fundamental I e II, Educação de Jovens e adultos - EJA e Ensino Médio por Intermediação Tecnológica – EMITEC.

O questionário foi aplicado a partir de um roteiro previamente elaborado, com cinco alunos do Ensino Fundamental II, do nono ano, com faixa etária de 13-15 anos e duas professoras de Língua Portuguesa do mesmo colégio sendo que a professora A é graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, bem como pós-graduada na área, trabalha na escola há aproximadamente dois anos, leciona apenas nesta escola pública com uma carga horária de 40 horas/aula semanal e atua como coordenadora do estado. A professora B, graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pós-graduada na área, leciona Língua Portuguesa na escola há aproximadamente um ano, com uma carga horária de 20 horas/aula na referida unidade de ensino e atua como coordenadora pedagógica na rede particular de ensino.

O questionário foi elaborado considerando as características do público alvo, bem como optar por um tipo de linguagem adequada e elaborar as questões de forma clara, objetiva e precisa. Nesse sentido os PCN (1998, p.63) afirma que:

As práticas de linguagem são uma totalidade; não podem, na escola, ser apresentadas de maneira fragmentada, sob pena de não se tornarem reconhecíveis e de terem sua aprendizagem inviabilizada. Ainda que didaticamente seja necessário realizar recortes e descolamentos para melhor compreender o funcionamento da linguagem, de fato que a observação e análise de um aspecto demandam o exercício constante de articulação com os demais aspectos envolvidos no processo.

Depois dos materiais coletados através do questionário destinado às professoras, bem como, aos alunos e observação em sala de aula foram feitas as análises, verificando, então, se o trabalho com a gramática contemplava as novas teorias da língua, buscando ampliar as competências comunicativas interacionais dos alunos ou se o ensino de Língua Portuguesa ainda se encontrava centrado no ensino de teorias e nomenclaturas gramaticais. A exposição da pesquisa será apresentada de maneira reflexiva e compreensiva.

Visto que o ensino de gramática é o foco da pesquisa, as questões direcionadas às professoras e também aos alunos são relacionadas à gramática.



Pois, fazer opção por uma determinada corrente metodológica é traçar determinado caminho eficaz que conduza ao fim que se pretenda chegar, é sondar uma nova realidade, e para isso é preciso buscar informações. O que se pode concluir é que o educador pode agir de forma reflexiva e crítica adaptando-se às novas atividades, enriquecendo-as para o progresso e desenvolvimento necessário à educação.

### 3.1 A VISÃO DOCENTE SOBRE A PRÁTICA DO ENSINO DE GRAMÁTICA

Levando em consideração a afirmação de Antunes (2003, p. 170), quando ressalta que “o professor de português precisa conquistar sua autonomia didática, assumir-se como especialista da área, comprometer-se com a causa da educação linguística de seus alunos”. E também que o professor de Língua Portuguesa possui contato direto com o ensino gramatical, compreendemos que é pertinente, num primeiro momento, saber o nível de importância que as professoras dão ao ensino de gramática. Portanto, foi questionado quantas aulas de Língua Portuguesa tem cada turma e dentro dessas, quantas são destinadas ao ensino de gramática? As respostas das duas professoras foram similares, com cinco aulas em cada turma elas as planejam de acordo com as necessidades do aluno, sendo que a professora B sempre que trabalha a gramática é de forma contextualizada.

Durante as observações foi perceptível a fala das professoras. As docentes trabalharam com diversos recursos da língua utilizando vários gêneros textuais: crônica, paródia, contos, poesias e principalmente com assuntos cotidianos dessa clientela através de textos atuais como: paródia e texto, vale ressaltar que as observações foram feitas próximo ao sete de setembro, em virtude disso as professoras abordaram textos sobre a Fanfarra musical de Cachoeira Grande, FAMUCA, fanfarra que a maioria dos alunos participa, todos textos foram explorados de forma lúdica e contextualizada. Os alunos foram estimulados e instigados a participar e interagir nas atividades propostas. Pois, todos os assuntos abordados houve explanação de forma dinâmica e lúdica, com explicação intervenção e participação dos alunos.

Em nenhum momento a gramática normativa foi abordada. Em todas as aulas foram abordados textos de forma dinâmica e atrativa, com discussões, comentários, posteriormente atividade com correção. Também foi feita produção textual. A professora pediu a leitura dos textos, todos leram, foi feita a correção textual, de coerência e concordância, vale ressaltar que tudo que os alunos escreviam foi aceito e valorizado. As professoras não diziam está errado, elas diziam: “você colocando de tal maneira fica melhor”, ou seja, o erro é considerado como algo natural, que contribui diretamente para a construção do conhecimento e da aprendizagem.

Partindo do princípio de que o ensino de Língua Portuguesa não pode ser embasado exclusivamente pela gramática normativa, que visa às regras e a norma culta padrão, na qual enfatizam apenas uma maneira adequada para o uso, sem dar margens para outras formas, fica perceptível na concepção abordada pelas professoras, uma nova visão atrelada à gramática contextualizada, que por sua vez, defende outros estilos de uso da linguagem, trabalhando com o conceito de adequado e não adequado, que não seja a norma padrão, ou seja, vê os “erros” dos educandos como uma simples diferença entre as diversidades existentes na língua.

Nesse sentido, pode-se dizer que, de acordo com os PCN (1998), a gramática contextualizada permeia os sujeitos por meio da comunicação uma vez que enfatiza a necessidade de desenvolver neles habilidades discursivas que lhes permitam utilizar e entender sua língua independente das finalidades e/ou formalidades exigidas nos diversos contextos comunicativos e sociais. Deste modo, passa-se a compreender a língua a partir de seu aspecto funcional e sócio comunicativo, o que remete ao ensino de Língua Portuguesa o dever de direcionar-se ao aperfeiçoamento das práticas sociais de interação, como o falar e ouvir, escrever e ler, em diferentes situações discursivas. Assim, entende-se o ouvir/ler e o falar/escrever como o uso competente da leitura e da produção textual, respectivamente, conduzindo à eleição do texto como unidade básica de ensino para desenvolver as habilidades acima mencionadas.

Quando questionamos às professoras a quantidade de aulas que são oferecidas a cada turma e dentro destas, quantas são destinadas ao ensino de gramática, percebe-se que elas não dão importância ao número de aulas com conteúdos gramaticais, mas possuem uma preocupação com o nível de

aprendizagem do aluno atendendo às necessidades destes. Observa-se que a gramática tem importância em sala de aula e é utilizada sempre que necessário, a depender da necessidade do aluno, não tendo quantidade de aulas exclusivas para conteúdos gramaticais. Vejamos:

Cinco aulas em cada turma por semana. As aulas são destinadas de acordo com as necessidades da turma (PROFESSORA A).

Cinco aulas em cada turma semanalmente e estas acontecem de acordo com as necessidades da turma (PROFESSORA B).

Nesse sentido, as respostas das professoras vão de encontro à crítica de Márcia Mendonça (2006), quando ela diz que, em alguns casos o ensino gramatical é uma preocupação quase que exclusiva nas aulas de português.

Nesse caso, concordam com os PCN (1998) ao afirmar que as atividades linguísticas devem ser utilizadas como uma ferramenta de apoio nas discussões sobre os aspectos da língua coordenadas pelo docente durante o ensino e aprendizagem. Assim, entende-se que o ensino de língua não deve excluir o aspecto gramatical, contudo,

não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. (PCN, 1998, p.28)

Porém, verifica-se que as professoras utilizam as habilidades fundamentais da língua, durante sua prática em sala de aula, para uma eficiente interação com o meio social e que, não privilegia, apenas, os aspectos da gramática prescritiva, bem como todos os seus procedimentos pedagógicos de ensino/aprendizagem, aspectos estes e procedimentos que ao final, apenas contribuem para que o aluno decore e memorize os assuntos ensinados não equivalendo à ampliação das competências comunicativas. Dessa forma, a prática das professoras questionadas está em conformidade com os PCN (1998) e se efetiva de modo a garantir um ensino da gramática contextualizada que compreende a reflexão em detrimento a um ensino enraizado na tradição.

Outra pergunta direcionada às professoras, foi em relação ao conceito de língua/linguagem. Questionamento importante para verificarmos o que as docentes

entendem sobre estes aspectos, imprescindíveis nas aulas de português. Vejamos as respostas:

Língua é um conjunto de recursos expressivos, não fechado e em constante transformação. Linguagem é uma atividade humana, histórica e social. (PROFESSORA A)

Língua é um conceito dado a forma como um povo se expressa. Linguagem são as diversas formas de expressar essa língua, seja escrita, falada, gestual, imagética, etc. (PROFESSORA B)

Entendendo língua como uma “atividade social, como um trabalho empreendido conjuntamente pelos falantes toda vez que se põe a interagir verbalmente, seja por meio da fala, seja por meio da escrita” (BAGNO, 2003, p. 19) e linguagem, de acordo com os PCN (1998), como a produção das formas de pensamento, comunicação, modos de agir do ser humano, verifica-se que as professoras, mais uma vez possuem ideias parecidas e suas respostas também se assemelham com as assertivas supracitadas ao afirmarem que a língua é o recurso expressivo e comunicativo. Em relação ao conceito de linguagem elas deixam entender que é uma atividade humana relacionada ao contexto sócio histórico, além disso, elas explicam a linguagem fazendo analogias às expressões de pensamentos, sentimentos, ideias e opiniões, levando em consideração as produções escritas, orais, gestuais e imagéticas.

Ambas concordam com Brito (1997) quando ele diz que as representações da língua se constroem a partir de influências históricas e sociais. Nesse contexto, entende-se que a língua é o meio pelo qual acontece a interação social entre os falantes, enquanto a linguagem se utiliza desse meio para existir, como bem destaca Bagno (2003).

O conceito de gramática e análise linguística, na visão das docentes, também são pontos importantes para entendermos como esses conteúdos estão sendo trabalhados em sala de aula. Portanto, julgamos pertinente questionar sobre o assunto. Obtivemos as seguintes respostas:

Gramática é um conjunto de regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural. Análise Linguística é o estudo da análise e reflexão sobre a língua explorando diversas habilidades como leitura, interpretação, escrita metalinguística entre outros (PROFESSORA A).

Gramática é o estudo de normas da língua padrão exigidos nos registros formais, já análise linguística é a aceitação dos diversos dialetos existentes na língua, ou seja, é a aceitação das diversas expressões sem se preocupar com formalidades. (PROFESSORA B).

Observa-se que as docentes não têm dúvidas em relação aos conceitos de gramática e análise linguística, enquanto esta é considerada por elas como uma reflexão da língua, explorando variados contextos e habilidades, aquela é avaliada, apenas como um conjunto de regras de uma língua.

É conveniente ressaltar que a concepção das professoras referente à Análise Linguística são semelhantes, porém com algumas diferenças, percebe-se que a professora A, inicialmente a revela como atividade de interação, existe ainda uma abordagem referente a seu uso que se divide na composição de textos e situação de reflexão, de modo que há diversas maneiras de abordar a língua, além da gramática. Esse pressuposto não é igualmente observado na resposta da professora B, a qual deixa claro que a Análise Linguística se restringe apenas na língua em uso.

Nesse contexto, as professoras ratificam a afirmação de Travaglia (2009), quando ele diz que é preciso oferecer variedades possíveis de interação discursivas através do trabalho voltado para análises e produções enunciativas vinculadas ao desenvolvimento do domínio da norma culta e da produção escrita.

Dessa forma, compreende-se que é preciso que o professor ofereça aos seus alunos diversificadas estratégias de ensino, quando se trata de regras gramaticais, para que estas se tornem mais significativas em todas as situações discursivas da língua.

Ainda falando sobre gramática, Travaglia (2009) define a gramática normativa, como aquela que estuda, apenas, os fatos da língua padrão. Por isso, procuramos saber das professoras se, de acordo com sua experiência em sala de aula, elas concordam que ensinar Gramática é ensinar a gramática normativa. Vejamos as respostas:

Não. Não precisamos estudar apenas as regras gramaticais é preciso refletir acerca das categorias gramaticais e sua função semântico textual e discursiva. (PROFESSORA A)

Não necessariamente, aprender as regras gramaticais faz parte, mas não é preciso me deter apenas nela para trabalhar a gramática com meus alunos (PROFESSORA B).

Nesse aspecto, tanto a professora A, quanto a professora B deixa claro que ensinar gramática não é somente levar em consideração os conjuntos de regras gramaticais, para elas, o ensino de gramática por si só não causa efeito, é preciso “refletir acerca das categorias gramaticais e sua função semântico textual e discursiva” (professora A). Sobre isso, Bagno (2003) afirma que a gramática normativa é importante ao se tratar da língua escrita monitorada, porém essas estruturas gramaticais só podem ser aprendidas e apreendidas a partir do contato direto com as práticas de leitura e produção escrita. Por isso,

Não adianta entupir a cabeça das pessoas com regras, exceções, nomenclaturas e definições. Não é assim que alguém vai aprender a ler e a escrever. Isso não é “ensinar português” é simplesmente decorar a gramática normativa, e há muito tempo os lingüistas (*sic*) e educadores vem demonstrando a inutilidade dessa prática secular. Só se aprende a ler e escrever, por incrível que pareça, lendo e escrevendo. A idéia (*sic*) de que a boa leitura e a boa produção de textos depende do conhecimento pormenorizado da gramática normativa é uma falácia que precisa ser combatida (BAGNO, 2003, p. 188).

Dessa maneira, o ensino de Língua Portuguesa de acordo com o que foi dito pelas professoras supracitadas é oportunizado ao aluno como um meio que possibilite ao mesmo uma forma de expansão do uso da língua em seus variados contextos e intenções. Em virtude disso, conforme os PCN (1998) o ensino pauta-se em quatro eixos básicos: oralidade, leitura, escrita e gramática, e são articulados entre si, fazendo com que os discentes compreendam que são partes interligadas a um todo com um único objetivo que é desenvolver a habilidade comunicativa.

Assim, percebe-se que a gramática contextualizada está rompendo aos poucos com uma tradição originada no sistema jesuíta, onde se estudava a gramática da língua com palavras e frases isoladas. Por um longo período a gramática normativa teve primazia sobre os textos nas escolas brasileiras e ainda na atualidade é registrada a valorização de uma área em detrimento da outra. Porém, consoante aos PCN a gramática está relacionada aos textos como todo num discurso democrático a respeito da linguagem, não aceitando a ideia de uma língua única e correta em relação à outra, e sim objetiva ensinar a língua de forma heterogênea.

Ainda falando sobre o ensino de gramática normativa questionamos em qual (is) teoria (s) gramatical (is) as professoras se embasam para o ensino de gramática. Ambas utilizam a Gramática reflexiva, descritiva e normativa.

As teorias gramaticais de embasamento apresentadas pelas professoras pesquisadas são as mesmas adotadas no ensino de Língua Portuguesa defendida pelas novas correntes teóricas defendidas por Travaglia (2009) e Antunes (2003), bem como pelos PCN (1997 e 1998) de Língua Portuguesa que compreende a gramática de forma ampla envolvendo desde os eixos fundamentais da língua até sua compreensão em seus diversos contextos. Em consonância com o relato Travaglia (2009, p.109) elucida que:

A proposta é também trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação.

Também pedimos a elas para descrever como costumam acontecer suas aulas de gramática. A partir das respostas podemos constatar que essas profissionais de ensino procuram colocar em prática o que elas argumentaram teoricamente. Vejamos:

Procuo explorar acerca das categorias dos conhecimentos linguísticos dos alunos, refletindo acerca das categorias gramaticais e a função discursiva de cada uma dela (PROFESSORA A).

Na maioria das vezes eu costumo ser exigente nas minhas aulas de gramática porque eu não acredito que consigamos nos expressar bem num registro escrito sem conhecer as regras gramaticais (PROFESSORA B).

A resposta da professora A clareia a ideia de que no âmbito educativo as regras gramaticais não são o bastante para o funcionamento de uma língua, como bem destaca Oliveira (2010, p.35), “aprender apenas a estrutura gramatical não é condição suficiente para uma pessoa ser capaz de usar a língua” é preciso antes de tudo refletir quanto ao seu uso dentro dos mais variados contextos discursivos.

A professora A elucida que explora os conhecimentos linguísticos dos alunos, em virtude disso está explícito que a mesma respeita as variadas vertentes presentes no ensino de língua dentro da sala de aula, construindo uma consciência

de que seus alunos ao chegar à escola já possuem uma língua, e que a função da instituição escolar é apresentar a linguagem padrão como mais uma variante. Em consonância com essa mesma ideia, Gomes (2009, p.36) elucida que:

o professor deve explicar ao aluno que a língua nos serve para construir os sentidos atribuídos por nossa cultura às coisas e às pessoas. Deve mostrar à criança que existe uma língua falada e uma língua escrita que, em suas diversas variedades, servirão a diferentes propósitos.

A autora defende que é preciso compreender a língua como um evento comunicativo, e a partir dessa perspectiva pode ocorrer o ensino de Língua Portuguesa.

Porém, muitos professores ainda acreditam que para o aluno aprender a falar e escrever bem, seja preciso aprender a gramática normativa, como afirma a professora B, contrapondo as ideias anteriormente apresentadas por ela. No entanto, o ensino da gramática pode dar-se pela reflexão da Língua em situações de produção e interpretação, como se fosse uma estrada a ser percorrida para o educando tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística.

Por isso, é relevante esclarecer que essa proposta não equivale ao que se entende por gramática do texto ou contextualizada, pois, como explica Antunes (2003, p.97), para que o ensino de gramática seja assim compreendido “o professor pode encorajar e promover a produção e análise de textos, o mais frequentemente possível (diariamente!), levando o aluno a confrontar-se com circunstâncias de aplicação das regularidades estudadas”.

Durante as observações ficou perceptível que elas têm uma dinâmica diversificada em sala de aula. As observações ocorreram próximo ao 7 de setembro e as professoras solicitaram dos alunos textos, paródia e crônica sobre a Fanfarra musical de Cachoeira Grande – FAMUCA, a fanfarra da escola que a maioria dos alunos participa com prazer e entusiasmo, após a produção dos textos, cada aluno leu o seu texto, houve intervenções das professoras com questionamentos e explanações, todos os alunos interagiram, bem como as apresentações das paródias.



Os textos utilizados foram relevantes, pois todo assunto abordado e explanado foi consoante à realidade do aluno, observou-se também que havia entrosamento entre as professoras e os alunos, entre o texto e o leitor, contribuindo para que os alunos pudessem ter prazer e curiosidade pela leitura. Pois, é por meio da leitura de vários recursos, e valorizando o que os alunos já sabem para desenvolver suas habilidades comunicativas.

E, assim sendo, trabalhar com a gramática de forma contextualizada é necessário a intervenção previamente articulada do professor, para que, ao abordar a reflexão dos fenômenos gramaticais em textos, conduza à análise de fenômenos específicos e coerentes com o plano curricular dos conteúdos da disciplina. E é baseado nesses ensinamentos que se constituem as orientações dos PCN (1997 e 1998) no processo de formação discente para culminar na capacidade de construir bons textos. Nesse sentido, Terra (1997, p.80) elucida que "Conhecer uma língua é um processo dinâmico que vai além da compreensão. Conhecer uma língua é saber tirar dela todas as possibilidades para uma comunicação ampla em qualquer situação".

Com base nas observações na sala de aula e os dados coletados através do questionário, percebe-se que as professoras mostram-se informadas sobre as novas tendências da educação, apresentando uma postura construtivista, com aulas questionadoras e participativas, onde valorizam o vocabulário dos alunos, ou seja, o conhecimento prévio que eles trazem do seu cotidiano com dinamismo e criatividade.

### 3.2 A PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA

Vimos que, no ponto de vista das professoras A e B, a gramática faz parte do aprendizado da Língua Portuguesa e é importante para a utilização da língua e linguagem, porém não é colocada em sala de aula como o conteúdo fundamental e sim paralelo, para o entendimento dos alunos em relação ao texto. Neste tópico mostraremos a visão do aluno em relação ao ensino e aprendizagem da gramática.

Inicialmente foi questionado aos alunos, na opinião deles, qual o conceito de Gramática e se ela tem importância no modo como as pessoas falam ou escrevem. Obtivemos as seguintes respostas:

Gramática é a arte de ler e escrever. Sim, para que se produza bons textos é necessário ter conhecimento da gramática. (ALUNO A)

É uma parte essencial da nossa Língua Portuguesa. Sim, pois ela é quem nos ajuda significativamente na nossa escrita (grafia) e na pronúncia (fonética). (ALUNO B)

É arte de ler e escrever. Sim, para que se escreva e fale de forma correta. (ALUNO C)

Gramática é uma parte da nossa língua que nos ajuda na escrita, pronúncia e no significado das palavras. (ALUNO D)

Gramática é uma parte da nossa Língua Portuguesa. Sim, porque contribui com o nosso aprendizado. (ALUNO E)

Em relação ao conceito de gramática os alunos A e C apresentaram respostas similares, considerando que a gramática é a base para a leitura e a escrita. Os alunos D e E são mais contidos e acreditam que a gramática é apenas um dos elementos que compõem a língua, enquanto o aluno B deixa claro que a gramática é a parte fundamental da língua.

Diante das respostas desses alunos percebe-se que há divergências na opinião destes, pois, enquanto uns acreditam que a gramática é a parte mais importante da língua outros a consideram como, apenas, mais um componente da língua. Mas todos estão em consonância com a fala das professoras A e B quando eles dão importância a gramática para as práticas de leitura, produção de textos orais e escritos e o vocabulário “correto”, como se refere o aluno C.

Essa expressão, utilizada pelo aluno C, é objeto de discussão do estudioso Marcos Bagno (2003) em seu livro *A norma culta: língua e poder na sociedade brasileira*. De acordo com o autor, dizer que uma pessoa fala “certo ou errado” não é um preconceito linguístico e sim social, pois a língua faz parte de regras essenciais da identidade não só individual, mas também social de cada ser humano, então o aluno quis dizer exatamente o que Bagno (2003) considera “a forma correta de escrever ou falar” como de acordo com a gramática normativa que rege a partir de regras e normas a serem seguidas socialmente.

Observa-se que, embora não apresentem uma definição consistente do que é a gramática, os alunos a consideram de grande importância pela contribuição que ela representa para a escrita e comunicação, atribuindo as aulas de ensino da gramática de relevância essencial. Assim, de acordo com a fala dos discentes é possível aferir de seus posicionamentos que eles possuem consciência de como a gramática tem um papel indispensável para a formação do sujeito frente à sociedade. Em consonância com o enunciado Franchi *apud* Travaglia (2009, p. 28) elucida que:

Gramática corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica.

Assim, a legitimidade de qualquer conceito gramatical resulta da sua aplicabilidade, de sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal. Por isso, tais definições, dependem de como as pessoas as consideram, pois se alteram cada vez que os falantes encontram alguma razão, ainda que inconsciente para isso.

Quando perguntamos se os alunos gostam do modo como a gramática é ensinada pelo (a) professor (a) de Língua Portuguesa e o porquê, obtivemos respostas similares, com exceção do aluno B. observe:

Não. Pois é um ensino muito complicado para que se entenda. (ALUNO A)

Sim. Pois ela nos ensinou que dentro da gramática existe as classes gramaticais e vários outros tópicos interessantes. (ALUNO B)

Não. Porque é um ensino muito difícil para se entender. (ALUNO C)

Não. Porque é preciso muita persistência e ela não persiste. (ALUNO D)

Não. Porque é muito difícil de aprender. (ALUNO E)

Enquanto as professoras A e B se preocupam em tornar o ensino de gramática menos “complicado”, valorizando o que os discentes já sabem, bem como apresentando conteúdos contextualizados, refletindo sobre o uso da língua com os mais variados textos, percebe-se certa recusa dos alunos em relação ao ensino da gramática. Eles consideram como um conteúdo de difícil entendimento. Nessa perspectiva, Travaglia (2009) destaca que o ensino de gramática pode ser

trabalhado com atividades diversificadas para o entendimento dos alunos e atinja objetivos diversos em sala de aula.

Percebe-se dessa forma, tamanho desafio enfrentado pelo professor de Língua Portuguesa para ministrar suas aulas de forma que seus alunos compreendam o conteúdo ensinado, haja vista, as respostas elencadas. O que chama muito a atenção é que a maioria dos alunos questionados não gostam da forma como as aulas de gramática são ministradas, ficando claro o quanto os alunos tem dificuldade em entender os conteúdos transmitidos pelo professor relacionados ao ensino de gramática. Perante as respostas apresentadas é perceptível que a gramática ainda é encarada pelos alunos como algo de difícil compreensão, apesar do empenho das docentes em levar para sala de aula metodologias diversificadas.

Outra questão abordada para observar o grau de aprendizagem em relação ao ensino de gramática foi: Em que momentos de sua vida você percebe que a aprendizagem da gramática faz sentido?

Pois é muito importante o conhecimento da gramática na nossa língua. (ALUNO A)

Numa conversa com um amigo, percebo que comparando minha pronúncia ou escrita como antigamente mudou significativamente. (ALUNO B)

Sim, porque é muito importante para nossa aprendizagem. (ALUNO C)

No momento que estou conversando e percebo as minhas falhas e os meus acertos. (ALUNO D)

Todos os momentos, porque ela traz muitas coisas interessantes. (ALUNO E)

Apesar dos alunos encontrarem dificuldades em relação ao ensino e aprendizagem da gramática eles deixam claro em suas respostas o grau de importância dado a esta, bem como seu real sentido, principalmente, nos momentos em que eles precisam utilizar o discurso para se comunicar com outras pessoas. Percebe-se, com isso, que, apesar deles encontrarem dificuldades em relação a aprendizagem da gramática, eles conseguem refletir sobre seu uso nos mais variados contextos, isso é bastante perceptível na fala dos alunos B e C, quando nos momentos de conversação eles percebem as mudanças ocorridas na língua, quando comparam um discurso com o outro.

Nesse sentido, Oliveira (2010) destaca que os alunos devem ter noção em relação às possibilidades que a língua proporciona nos mais variados contextos conscientizando os alunos que durante algumas situações contextuais a gramática normativa são apropriadas.

Fica evidente, portanto, na informação dos alunos supracitados que a gramática permite o funcionamento da língua mediante o uso que seus falantes fazem, embora nem sempre façam uso da norma padrão. O alunado demonstra através de suas respostas que o aprendizado da gramática é indispensável para a comunicação e formação pessoal e intelectual. E fica claro na resposta dos alunos B e D que eles conseguem perceber que a língua materna também está presente na interação social dos falantes.

Diante dos inúmeros textos presentes em nosso cotidiano, foi questionado aos alunos se a gramática é importante para entendê-los. Vejamos as respostas:

Sim. Pois para que se produza bons textos é importante conhecer e entender a gramática. (ALUNO A)

Sim. Pois ela nos ajuda a identificar a escrita do texto, para que falemos corretamente. (ALUNO B)

Sim. Pois para que se produza texto e escreva correto é importante que conheça e entenda a gramática. (ALUNO C)

Sim. Pois um erro na escrita modifica o sentido das palavras. (ALUNO D)

Sim. Pois é muito importante para produzirmos textos e escrevermos de forma correta. (ALUNO E)

Todos os alunos entendem que a gramática é um elemento importante para o entendimento do texto, bem como para a produção de textos. Enquanto os alunos A, B, C e E acreditam que a gramática é importante para a produção correta de textos escritos e orais, o aluno D complementa essa importância ao falar que o sentido das palavras dependem do modo como é produzido a escrita. Percebe-se que esses alunos compreendem a utilidade da gramática no sentido de que esta é essencial para a produção de textos orais e escritos.

Consoante às respostas dos alunos acima a gramática é fundamental na produção textual confrontando com as respostas das professoras. Entende-se que foi condicionada na mente destes estudantes a ideia que escrever bem equivale a

escrever sem erros gramaticais. Dessa forma, acarreta em uma escrita descontextualizada e ineficiente, através de um ensino que esteja pautado especificamente para aspectos apenas gramaticais. Contrariando a ideia apresentada pelas professoras anteriormente quando refletem sobre o uso da gramática nos mais variados contextos de utilização da língua.

Em consonância com a ideia apresentada pelos alunos nessa questão, Antunes (2003, p.46) afirma que: “O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análises sintáticas, ensinando nomenclaturas gramaticais conseguimos deixar alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos.” Ao contrário, podem-se propor atividades que busquem aspectos muito além da gramática, ações e orientações relevantes ao desenvolvimento sócio comunicativo, despertando no aluno o interesse de escrever e ler criticamente.

Para a autora o estudo deturpado que se tem da gramática funciona como um bloqueio para a ampliação dos alunos em relação às competências e habilidades destes em relação à fala, leitura e produção de textos. Dessa forma o aluno acaba utilizando a gramática como preferencia no que compete a língua falada ou escrita, como é evidenciado nas respostas desses discentes.

Por fim foi questionado aos alunos se na opinião deles existem pessoas que falam e escrevem “certo” e outras que falam e escreve “errado”. Ao mesmo tempo pedimos uma justificativa para suas respostas:

Sim. Pois nem todas as pessoas tem o conhecimento da gramática. (ALUNO A)

Sim. As pessoas que falam “certo” são aquelas que tiveram acesso à gramática, já aquelas que falam “errado”, desculpe o termo, mas são “ignorantes”, por não terem acesso ao mundo maravilhoso da gramática. (ALUNO B)

Sim. Porque nem todas as pessoas teve o estudo da gramática. (ALUNO C)

Sim. Pois existem pessoas que não têm conhecimento e outras tem, como existem pessoas que falam errado e escrevem certo. (ALUNO D)

Sim. Porque troca as letras e se torna um erro. (ALUNO E)

As respostas dos alunos comprovam que ainda existe um preconceito em relação ao falar e escrever “certo ou errado”. Contrapondo as respostas das

professoras A e B quando elas dizem que entendem por análise linguística as diversas formas de interação social por meio das expressões da língua. Elas argumentam que não se preocupam em levar conteúdos, apenas, gramaticais para a sala de aula, mas refletem seu uso em seus mais variados contextos, no entanto, as respostas dos alunos evidenciam pouco conhecimento em relação a utilização da língua em suas diversas formas de expressão, valorizando a forma “certa ou errada” de comunicação como sendo o da gramática normativa. Nesse sentido, Bagno (2003) destaca que seria um preconceito social dizer que uma pessoa faz uso da língua de forma “certa ou errada”. Segundo o autor, ainda permanece na sociedade atual a ideologia de que o falar “certo” é o que está presente nas regras da gramática normativa, desprezando a contextualização do uso da língua.

As respostas dos alunos supracitados privilegiam a gramática como a razão de ser da fala e da escrita adequada. Pois, como já foi abordado na questão anterior, foi condicionado na mente de muitos estudantes a concepção que escrever e falar bem equivale a escrever sem erros gramaticais. Nessa perspectiva, a capacidade de organização do pensamento e o desenvolvimento expressivo de comunicação não são vistos como elementos indispensáveis para um aprendizado eficaz no ensino de língua. Desse modo, os docentes podem criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso da linguagem nas mais variadas situações comunicativas. Sabe-se que as principais modalidades de uso da língua é a fala e a escrita e existe para cumprir diferentes funções comunicativas de grande relevância para a vida. Azeredo (2008, p. 39) afirma que:

É produzindo e interpretando textos que aprendemos uma língua, não aprendemos apenas os significados das palavras e as regras de sua combinação em frases. Aprendemos, sobretudo, a integrá-las em textos socialmente situados e interativamente relevantes. Portanto, todo o processo de ensino/aprendizagem da língua consiste, necessariamente, em ensinar/aprender a lidar com textos, produzindo-os, atribuindo-lhes sentido, observando como estão construídos e refletindo sobre a relação entre esta construção e sua relevância contextual ou sua funcionalidade.

Dessa maneira, a importância desse tipo de ensino é justificada pelo argumento de que o falante precisa ter o conhecimento da língua enquanto uma instituição social, isto é, conhecer sua estrutura, suas possibilidades de construções linguísticas frente às funções dessas unidades, para poder utilizá-las em várias possibilidades de uso da língua.

Sendo assim, a tradição gramatical ideologicamente evidenciada nas respostas descritas pelos alunos dificultam as possibilidades das professoras atingirem a prática de ensino da gramática contextualizada, quando eles trazem a gramática como eixo supremo da Língua Portuguesa, desse modo, durante estas aulas, os eixos fundamentais da língua podem ser abordados com mais ênfase e clareza.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face às diferentes contribuições de teóricos e estudiosos acerca da gramática contextualizada no ensino de Língua Portuguesa, conclui-se que o trabalho com a diversidade de textos, tornou-se uma ação indispensável ao ensino de Língua Portuguesa, tornando assim o aluno um ser consciente e atuante.

É necessário, que se discuta com maior profundidade nas aulas de Língua Portuguesa a concepção da gramática contextualizada, pois a grande maioria dos alunos chega à Universidade sem saber o que estudaram durante uma boa parte de sua escolarização e muitos saem sem saber produzir textos coerentes. É relevante o professor de Língua Portuguesa se preocupar com esses fatores, fazendo os alunos refletirem sobre os textos em seus variados contextos.

É preciso valorizar o que é considerado novidade e, muitas vezes, o que é diferente leva aceitação de princípios ainda não totalmente comprovados e esta insatisfação do que é novo, em relação ao ensino de gramática, cria um conflito com uma realidade em que as mudanças fazem-se indispensáveis.

Procuramos investigar nesse estudo, como vem sendo utilizada a gramática nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, do Colégio Municipal José Vieira Irmão, levando em consideração as metodologias que norteiam tais aulas. Os resultados revelaram que as professoras de Língua Portuguesa, partem da fala do aluno para priorizar no ensino uma possível adequação da norma culta, valorizando a língua em uso, levando a um ensino com princípios marcados pela gramática contextualizada.

Tendo em vista, os dados coletados por meio do questionário aplicado às professoras, assim como aos alunos e observação em sala de aula, percebe-se que estas profissionais estão atualizadas quanto às novas tendências do ensino de Língua Portuguesa, conforme demonstraram nas análises. No questionário, assim como na observação em sala, as mesmas defenderam seguir as gramáticas normativa, reflexiva e descritiva na concepção da linguagem como processo de interação, essa afirmação é perceptível quando pedimos para essas profissionais

descreverem a metodologia que elas aplicam em sala de aula, as professoras, mostram-se coerentes quanto a essa concepção.

Vale ressaltar, que nas observações em sala e a maioria de suas respostas, elas apresentaram uma visão concisa acerca da gramática contextualizada, contribuindo para uma linguagem de interação. O que nos levou a confirmar que as professoras possuem um conhecimento teórico amplo e preciso, por isso conseguem utilizá-lo em suas práticas metodológicas.

O ensino de gramática pode ser desenvolvido utilizando o texto como objeto de investigação, não mais com frases ou palavras isoladas, haja vista, este constitui a manifestação real no ambiente escolar. Para tanto, surgiram as gramáticas contextualizadas, que verificam quais aspectos fazem com que o texto seja realmente considerado como tal, delimitado e diferenciando seus diversos tipos e contexto. Portanto, é preciso que a Língua Portuguesa seja ensinada a partir do seu funcionamento deixando de lado o ensino compartimentado e sem legitimação.

Consoante aos teóricos, cujos princípios fundamentaram esse estudo, para que haja um ensino de Língua Portuguesa mais eficiente, que melhore e amplie a competência comunicativa dos alunos, o professor pode incorporar à sua prática pedagógica as propostas desenvolvidas com base na teoria de interação e reflexão.

Isso quer dizer que o professor de Língua Portuguesa desenvolverá um trabalho importante e produtivo com seus alunos, assumindo uma postura de ensino que considera o aspecto social de interação funcional da língua através da gramática contextualizada.

Sendo assim, fica a contribuição para o ensino de Língua Portuguesa, espera-se que a presente pesquisa possibilite a reflexão dos educadores sobre o tratamento didático que está sendo dado ao ensino de Língua Portuguesa. Chamando a atenção de docentes para que os alunos que chegam à escola falando a sua língua, que já vêm com sua gramática internalizada. Dessa maneira cabe à escola mostrar a esse discente a variedade que sua língua dispõe e ampliar pela gramática contextualizada através de leitura, escrita e reescrita de textos.



## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática por um ensino sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aula de português encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português.** 4ªEd. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAGNO, Marcos. (Org.) **Língua Materna, letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Dramática da Língua Portuguesa: 2ª edição.** São Paulo, Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** 42º Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. Língua Portuguesa: ensino fundamental/coordenação. In: RANGEL, Egon de Oliveira e ROJO, Roxane Helena. **Análise e reflexão sobre a língua e as linguagens: ferramentas para os letramentos.** Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** 9ª Ed. São Paulo-SP: Ática, 1997.

BENTES, Anna Christina. Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. In: RANGEL, Egon de Oliveira e ROJO, Roxane Helena. **Língua Portuguesa: ensino fundamental/coordenação.** Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p.: il. ( coleção Explorando o Ensino; v. 19)

BEUVE, Saint. **Epígrafe.** In: Revista de Língua Portuguesa. Ano 5, Nº 62, dezembro de 2010.

BIZZOCHI, Aldo. **O emaranhado da linguagem.** In: Revista de Língua Portuguesa. Ano 5, Nº 60, outubro de 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília,1997.**

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental.- Brasília: MEC/SEF, 1998.**

BRITO, Luiz Percival Leme. **A Sombra do Caos**. Tese de doutorado, USP-Universidade de São Paulo, 1997.

DUTRA, Rosália. **O falante gramático**: introdução à prática do estudo e ensino do português. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2009.

JÚNIOR, Luiz Costa Pereira. In **Revista de Língua Portuguesa nº 94**. Não só gramática. Ano 8, agosto de 2013.

KLEIMAN, Ângela. **A concepção escolar da leitura**, in Oficina de leitura. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 6ª Ed. Campinas: São Paulo, Atlas, 1992.

LUKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **A Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena (org.) **Questões de Linguagem**. 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **“O português são dois”...Novas Fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábolas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contradições do ensino de português**: a língua que se ensina. 7. Ed., 1ª Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação de professor**: São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NAVARRO, Pedro. ANTÔNIO, Juliano Desiderato. Organizadores. **O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva**. Maringá: Eduem, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** 4. Ed. - São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Luciano Amaral, 1964. **Coisas que todo professor de português precisa saber**: teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a Gramática**, São Paulo: ABDR, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola** – Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SCOLARO, Maria Elvira Laranjeira. **O ensino de língua pelo uso da língua**. Salvador: Ed. Uneb, 2001.

SOARES, Magda. **Português**: uma proposta para o letramento. São Paulo; Moderna, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. trad. Cláudia schiling – 6 Ed.- Porto Alegre: Art. med., 1998.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino e gramática, 14 Ed. São Paulo: Cortez, 2009, p.101-103.

\_\_\_\_\_. **Gramática Ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

TUFANO, Douglas, 1994 - **Estudos de língua e literatura**. 3. Ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

**ANEXO A:** Questionário dos alunos

- Em sua opinião, o que é a Gramática? Ela tem importância no modo como você fala ou escreve?

---

---

---

---

---

- Você gosta do modo como a gramática é ensinada pelo (a) professor (a) de Língua Portuguesa? Por quê?

---

---

---

---

---

- Em que momentos de sua vida você percebe que a aprendizagem da gramática faz sentido?

---

---

---

---

---

- Diante dos inúmeros textos presentes em nosso cotidiano, a gramática é importante para entendê-los?

---

---

---

---

---

- Em sua opinião, existem pessoas que falam e escrevem “certo” e outras que falam e escrevem “errado”. Justifique.

---

---

---

---

---

**ANEXO B: Questionário das professoras**

- Quantas aulas de Língua Portuguesa tem cada turma? E dentro dessas quantas são destinadas ao ensino de gramática?

---

---

---

- Como você poderia conceituar língua/linguagem?

---

---

- O que você entende por Gramática? E por análise linguística?

---

---

- Para você, ensinar Gramática é ensinar a gramática normativa?

---

---

---

---

---

- Descreva como costumam acontecer as suas aulas de gramática.

---

---

---

---

---

- Em qual (is) teoria (s) gramatical (is) você se embasa para o ensino de gramática?

---

---

---

---

---